

MINIS/ÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



Casa Publicadora Brasileira
- BIBLIOTECA -
TATUI

O perfeccionismo e a volta de Jesus

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Na dependência do Espírito

Houve um tempo em que a expressão “Por Seu Espírito” serviu de *slogan* motivador do trabalho do pastorado adventista. O significado é óbvio. Devemos empregar o melhor do nosso esforço em busca dos alvos e objetivos propostos, sem olvidar o fato de que o que realmente conta é a dependência absoluta do poder do Espírito Santo de Deus. Por Ele, as conquistas serão materializadas.

Slogans, no entanto, passam, ficam esquecidos e são substituídos por outros. A realidade que eles transmitem, porém, e especialmente nesse caso específico, permanece inalterada. Nada seremos, nada faremos sem o Espírito Santo. Zorobabel entendeu isso. Governador encarregado de completar o projeto de reconstrução do templo de Jerusalém, ele enfrentava muitas dificuldades: a apatia da própria comunidade judia, já que a nova geração não demonstrava interesse no plano, e a antiga imaginava já ter feito o que deveria fazer, além da oposição externa.

Foi em meio a tudo isso que Zorobabel recebeu a orientação divina através do profeta Zacarias: “Esta é a palavra do Senhor a Zorobabel: Não por força nem por poder, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.” (Zac. 4:6). Os termos “força” e “poder”, nesse versículo, referem-se à maneira humana de enfrentar os problemas relacionados com o avanço da Causa de Deus. É o ato de confiarmos demasiadamente nos métodos e méritos humanos, esquecidos de que eles não terão a menor eficácia, a menos que sejam submetidos ao Espírito e vitalizados pelo Seu poder. Como afirmou Theodore Laetsch: “A obra do Senhor, a construção do Seu Templo, o crescimento interno, a expansão da Sua Igreja não podem ser executadas mediante simples meios externos. A força e sabedoria humanas por si só irão falhar. Cabe ao Meu Espírito a tarefa!”

Essa verdade, embora pareça lugar comum, deve ser renovada em nossa experiência diária. Mas, especialmente, nesta época, quando o ano vai chegando a seu termo e a corrida para o êxito final torna-se mais intensa. Os alvos devem ser alcançados, os problemas precisam estar solucionados, as pressões aumentam, nossa imagem diante dos administradores e líderes precisa ser positiva. E, então, somos tentados a empregar a “força” e o “poder” para que o saldo seja favorável. Corremos o risco de usar estratégias discutíveis, manipular consciências, motivar os irmãos fazendo brotar neles o sentimento de culpa, em lugar da verdade preciosa de que o “amor de Cristo nos constrange”, ou ainda impondo o nosso carisma pessoal.

Tudo isso pode até produzir algum resultado. Mas não será duradouro, nem pessoalmente realizador. Só o que for motivado pelo amor de Cristo e feito no poder do Espírito traz resultados perenes e plenamente satisfatórios.

Inicialmente, pode até ser difícil estabelecer-se alguma diferença entre o trabalho realizado pela força e pelo poder do homem, e aquele realizado na força e no poder do Espírito. Os resultados, olhados apenas exteriormente, podem ser confundidos na sua origem. Até porque nossos critérios de avaliar o êxito humano não perscrutam o interior, os verdadeiros motivos do coração. Mas a verdadeira natureza deles será revelada, um dia. Depois de tudo, é pouco provável que a glória conferida ao pastor, nesse caso, o torne feliz.

Vivemos e trabalhamos para glorificar a Deus, antes e acima de tudo. Ele não olha apenas o exterior, mas avalia nosso interior, nossos motivos. Isso é o mais importante. Sejamos diligentes em tudo o que fizermos, como pastores e filhos Seus, salvos por Sua graça e vocacionados por Sua vontade. Ao findar-se mais um ano, alegremo-nos na certeza de termos feito o nosso melhor, e que as conquistas experimentadas traduzam o resultado da atuação poderosa do Seu Espírito em nós. — Zinaldo A. Santos.

MINISTÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Casa Publicadora Brasileira

Ano 67 – Número 06 – Nov./Dez. 1996 – Periódico Bimestral
Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

- BIBLIOTECA -
TATUI

ARTIGOS

8 EXERCENDO A CIDADANIA
Horne P. Silva

12 ELE REPARTIU A SUA GLÓRIA
Rafael Luiz Monterio

18 O PERFECCIONISMO E A
VOLTA DE JESUS
Milton L. Torres

21 O VALOR DA OBRA MÉDICO-
MISSIONÁRIA
Izéas dos Santos Cardoso

SEÇÕES

2 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO
NA DEPENDÊNCIA DO
ESPÍRITO
Zinaldo A. Santos

4 ENTREVISTA
AS VANTAGENS DOS
PEQUENOS GRUPOS
Tércio Sarli

24 PASTOR
SERMÃO: COMO APLICAR
SEM COMPLICAR
Robson Moura Marinho

30 AFAM
SER FILHO DE PASTOR É UM
PRIVILÉGIO
Ruben Bullón

32 BIBLIOTECA DO PASTOR

Diretor Geral: Wilson Sarli;
Redator-Chefe: Rubens S. Lessa;
Editor: Zinaldo A. Santos;
Editor de Arte: Wilson de Almeida;
Revisoras: Ildete F. Silva e Mercedes Campos;
Diagramação: Josias Silva;
Colaboradores Especiais: Alejandro Bullón;
José M. Viana;
Colaboradores: Antônio Moreira; Mário Valente;
Jefté Carvalho; Izéas Cardoso.
Capa: Antônio Rios

Todo artigo ou correspondência para a
Revista **MINISTÉRIO** deve ser enviado para o seguinte
endereço: Caixa Postal 12-2600 – 70279-970
Brasília, DF.



**CASA
PUBLICADORA
BRASILEIRA**

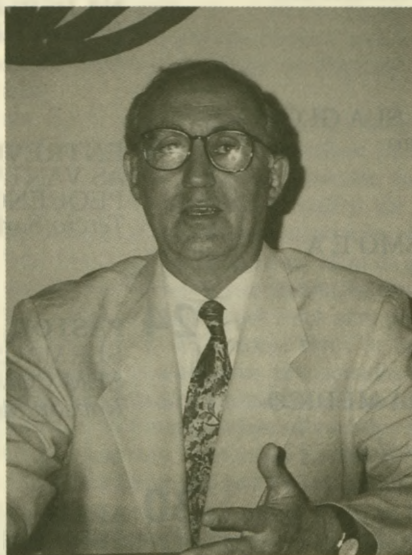
Rodovia SP 127 – km 106 – 18270-000
Tatui, SP.

5972/3926

As vantagens dos pequenos grupos

Ele nasceu em Jaú, Estado de São Paulo, num lar adventista. Filho do Pastor Hermínio Sarli, que também foi colportor, o Pastor Tércio Sarli formou-se em Teologia no Instituto Adventista de Ensino, em 1958, iniciando suas atividades ministeriais em Belém, PA, como pastor distrital. De 1963 a 1965, foi pastor em Fortaleza, CE, sendo posteriormente transferido para São Luís, MA, onde permaneceu até 1968. Em seguida, serviu como pastor e professor no Educandário Nordestino Adventista, ENA, em Belém de Maria, PE, durante um ano. Nos anos 1970 e 1971, exerceu a função de diretor de Educação na Associação Paulista, assumindo, em 1972 a direção do Instituto Adventista São Paulo, Iasp, onde ficou até 1980. cursou o mestrado nas áreas de Teologia e Educação, na Andrews University, nos anos 1981 e 1982, quando foi eleito presidente da Associação Paulista Central, função que exerceu durante onze anos, sendo então eleito presidente da União Central-Brasileira, onde permanece atualmente. É também graduado em História, pela Faculdade de Filosofia do Ceará, e em Pedagogia, pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. De seu matrimônio com Vanira Dittmar Sarli nasceram os filhos Sandra Regina, Winston e Humberto.

Da sede da UCB, em Artur Nogueira, SP, o Pastor Tércio concedeu à revista Ministério a entrevista que segue:



Pastor Tércio Sarli

MINISTÉRIO: Como e em que circunstâncias sentiu o chamado para ser um pastor?

PASTOR TÉRCIO: A escolha do ministério como ideal de vida foi um processo natural. Nasci num lar adventista, meu pai exerceu o trabalho da colportagem, por longos anos, e depois o ministério pastoral; estudei no Iasp e no IAE, o primeiro e o segundo grau. Com toda essa influência poderosa do lar e dos colégios, a decisão acabou acontecendo muito naturalmente. Nunca pensei em seguir qualquer outra carreira.

MINISTÉRIO: Que avaliação o senhor faz de seu trabalho como presidente da UCB até aqui?

PASTOR TÉRCIO: É sempre melhor que uma avaliação dessa natureza seja feita por outros. Mas eu sinto que Deus tem abençoado ricamente o trabalho nos oito Campos de nossa União, em todos os setores. Nos dois anos já concluídos, deste período administrativo, tem havido um sensível crescimento na área educacional, com aumento considerável de escolas e de alunos, com ênfase especial para o novo internato, que começou a ser construído em Mato Grosso. No setor de saúde, foram reiniciadas as obras de construção do Hospital Adventista de Brasília, que deve começar a funcionar no próxi-

mo ano; o hospital de Engenheiro Coelho, próximo ao IAE-Ct, continua em plena edificação, e sua ala de Vida Saudável e tratamentos naturais deverá iniciar as atividades também em meados de 97. Creio ser importante fazer menção, também, ao projeto Lar de Idosos. Trata-se do plano da construção de uma instituição para pessoas idosas que precisam de um lugar agradável e apropriado, cuidados especiais, em meio à Natureza, e dirigido e operado por pessoas habilitadas e competentes. O projeto está em andamento, e já possuímos uma área de dois alqueires e meio para isso, doada pelo IAE.

MINISTÉRIO: *E no aspecto evangelístico?*

PASTOR TERCIO: No que concerne ao crescimento da Igreja, propriamente dito, estes dois anos foram os mais ricos em batismos, em toda a história da nossa União. Mas é importante que se diga que esse progresso no território da UCB é resultado de três importantes fatores: primeiro, as bênçãos de Deus. Ele é o Senhor da Obra e seu supremo dirigente. Nós somos apenas mordomos. Segundo, é fruto da união de esforços dos valorosos líderes voluntários, pastores distritais, administradores, departamentais e obreiros que temos em nossos Campos e instituições. E o terceiro fator, a herança que recebemos das administrações passadas, que se destacaram pelo dinamismo, visão administrativa e realizações que constituent a base para essas significativas conquistas atuais.

MINISTÉRIO: *Como vai a UCB no contexto da Missão Global?*

PASTOR TERCIO: Em toda a União Central-Brasileira, nos Campos e instituições, há um trabalho coordenado, dinâmico e bem dirigido, com o objetivo de alcançar os municípios, e os bairros das grandes cidades, onde não temos ainda a presença adventista. Cada Campo tem seu projeto específico, como, por exemplo, o “Projeto Bandeirantes de Missão Global”, da Associação Paulista Oeste, que consiste no envio de famílias voluntárias para cidades não alcançadas pela mensagem adventista. Aí essas famílias devem iniciar o trabalho de implantação de uma igreja. Há o “Projeto Gideão”, da Associação Brasil Central, através do qual grupos especiais de irmãos de uma igreja adotam um município onde não há igreja, também para evangelização. Alguns Campos, como as Associações Paulista Sul

e Paulistana, já não possuem nenhum município sem a presença adventista. Mas nem por isso o entusiasmo e o dinamismo diminuem. Obreiros e membros estão trabalhando para alcançar bairros e outras unidades populacionais. Nos oito Campos da União Central-Brasileira existem cerca de 1.125 municípios, e desses, faltam aproximadamente 300 para serem alcançados. Mas, dentro da perspectiva e do planejamento que está sendo executado, até o ano 2000, todos deverão ser atingidos, com a ajuda de Deus.

MINISTÉRIO: *Quais as estratégias para enfrentar os desafios que ainda existem?*

PASTOR TERCIO: A estratégia básica é uma só: o envolvimento de todos os membros da Igreja no cumprimento da missão. É a transformação de todas as nossas instituições e serviços em instrumentos de evangelização, focalizando as prioridades, ou seja, os lugares ainda não alcançados. E para isso deverão ser usados todos os recursos, humanos e tecnológicos, que Deus coloca à nossa disposição. Nessa altura, não podemos deixar de mencionar especialmente o uso do rádio e da televisão. Felizmente, a Obra, em geral, está partindo para um aproveitamento mais decisivo nessa área. Em nossa União, já temos em pleno funcionamento duas emissoras de rádio, em regiões bem populosas. Também somos beneficiários do notável trabalho que está sendo realizado pela televisão e pelo rádio, através dos programas Está Escrito e A Voz da Profecia.

MINISTÉRIO: *Como o senhor vê o trabalho dos “pequenos grupos”?*

PASTOR TERCIO: Acredito que este é o método divino para a terminação da Obra. Já há mais de um século, Deus orientou a Igreja, através de Ellen White, sobre a eficiência desse método, mas só agora, depois que todo o mundo religioso foi despertado para tal estratégia, é que nós começamos a dar atenção devida ao que Deus falou. Mesmo assim, muitos administradores e pastores não se conscientizaram ainda da sua importância, na evangelização e no fortalecimento da igreja. Posso até enumerar algumas vantagens do método: é econômico – as reuniões são feitas nos lares, sem necessidade de gastos com aluguel ou construção de salões –, é bíblico, pois foi o método da Igreja primitiva. Também desenvolve a fraternidade entre as famílias, evangeliza a vizinhança

de forma simples e eficiente, fortalece a vida espiritual dos membros. Por serem as reuniões realizadas regionalmente, entre famílias que residem próximas, facilita a assistência de todos, sem despesas de locomoção. Os participantes se edificam e animam mutuamente. As reuniões não interferem em nenhum outro programa da igreja; pelo contrário, fortalece todos os segmentos. As maiores organizações religiosas no mundo, atualmente, evangélicas, católicas e outras, têm como base de evangelização e crescimento, o funcionamento dos pequenos grupos. E esse movimento não é mais uma onda passageira. É um método para ficar e solidificar-se cada vez mais.

MINISTÉRIO: *Como funciona um “pequeno grupo”?*

PASTOR TÉRCIO: O programa é simples, e pode facilmente ser dirigido por irmãos de nossas igrejas. Sua essência é o estudo da Bíblia, o louvor, o testemunho e a oração. Durante a semana, os pequenos grupos se reúnem. Aos sábados, e em datas especiais, acontece o encontro de todos, na grande congregação, a igreja, para celebração das bênçãos recebidas e para o louvor e adoração a Deus. É o círculo ideal da vida da igreja. Mas é necessário que esse trabalho seja realizado de forma correta, bem orientada, a fim de que produza os resultados esperados. O Departamento de Ministério Pessoal da Divisão Sul-Americana fornece todas as orientações necessárias.

MINISTÉRIO: *Alguns Campos especificam um método de trabalho, ao qual se dá especial ênfase num ano. O senhor não acha que deveria haver abertura para utilização de várias estratégias? Afinal, nem todo método funciona bem em todos os lugares.*

PASTOR TÉRCIO: Na verdade, a Igreja nunca teve e nunca terá apenas um método de trabalho. Mas, de acordo com as circunstâncias, a época e o contexto social, uma maneira de trabalhar se torna mais eficiente, mais oportuna e mais produtiva. No entanto, há certas classes de pessoas que serão alcançadas mais facilmente por determinada forma de evangelização, não convencional. Em resumo, todos os métodos disponíveis devem ser colocados em prática pela Igreja, no cumprimento de sua missão. Cada membro deve se envolver na grande tarefa, de acordo com os dons e as habilidades que Deus lhe deu.

MINISTÉRIO: *Parece que as grandes concentrações evangelísticas, de uma semana, estão tomando o lugar do evangelismo público tradicional. Esse modelo já não serve?*

PASTOR TÉRCIO: Uma concentração evangelística de uma semana não significa que todo o processo evangelístico foi restringido a esse período. O que existe é um programa que foi realizado durante vários meses de sementeira e cultivo, por parte de obreiros e igrejas. A programação de uma semana é a colheita, realizada por algum evangelista experiente, que tem como objetivo levar à decisão pessoas que estavam estudando a Bíblia. É verdade que pode haver conversão como fruto de apenas uma semana de pregações, e até de uma só pregação, mas não é a regra. A ordem natural e bíblica é a sementeira, a germinação, o crescimento e, finalmente, a colheita, tudo no tempo determinado. E, em matéria de evangelismo público, o princípio é o mesmo: o resultado que mais firmemente permanece é o de um trabalho paciente, cultivado com amor, solidificado pelo relacionamento do evangelista, dos obreiros bíblicos e dos membros da igreja, com os novos conversos. Aí entra o importante princípio da força persuasiva da amizade e do amor fraterno. Em face disso, juntamente com os demais métodos evangelísticos, o evangelismo público tradicional sempre continuará a ter o seu lugar e a sua importância dentro do programa da missão da Igreja.

MINISTÉRIO: *Por que, na sua opinião, a margem de participação individual nas atividades missionárias, ainda não é satisfatória?*

PASTOR TÉRCIO: Em primeiro lugar, muitos dos que estão dentro da igreja, e até engajados no ministério, não são realmente convertidos. Como no Israel antigo, hoje também existe uma “mistura de gente”, que faz parte da comunidade religiosa por outras razões, que não o novo nascimento. É no meio desses que estão os críticos, os que semeiam discórdia entre os irmãos, os maledicentes, os ociosos, os que dão mau testemunho e trazem opróbrio à Igreja. É claro que esses nunca irão participar genuinamente da missão, a menos que um dia se convertam. Em segundo lugar, muitos cristãos sinceros não participam dos esforços missionários simplesmente porque não sabem, não aprenderam, não foram treinados. Segundo Ellen White, “muitos teriam vontade de trabalhar, se lhes ensinasse a começar. Necessitam ser

instruídos e animados. Toda igreja deve ser uma escola missionária para obreiros cristãos. E não somente deve haver ensino, mas trabalho real, sob a direção de instrutores experientes”. O que se deve fazer, pois, para melhorar essa situação, é ensinar os nossos irmãos a descobrirem quais os seus dons espirituais, e, então, animá-los e inspirá-los para o trabalho. E a alegria que eles encontrarão no serviço de Deus é a garantia de que, daí em diante, nunca mais deixarão de participar.

MINISTÉRIO: *Como presidente de União, o que o senhor espera de seus auxiliares diretos e dos pastores distritais?*

PASTOR TÉRCIO: Que cada um cumpra o seu dever. Cada departamental, cada administrador, cada pastor distrital, tem o seu trabalho definido. A sua responsabilidade. E todos devem exercer a sua função como coobreiros de Deus, com dedicação, com alegria e crescente eficiência. Para isso, contam com a promessa de Jesus: “Eis que estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos.” Em primeiro lugar, devem buscar o poder de Deus, pois sua missão não é de natureza humana. Depois, devem se esforçar ao máximo para que possam corresponder ao que Deus lhes confiou. E, mais um ponto importante, cada obreiro, seja qual for sua função, deve ter seu círculo de liberdade para desempenhar o trabalho de acordo com sua individualidade e a inspiração e orientação que Deus lhe concedeu. É verdade que existem as diretrizes que a Igreja estabelece, para um trabalho harmonioso, na mesma direção. Mas isso não impede de o obreiro usar sua própria indumentária, e suas próprias armas, como fez Davi, e não ter que usar obrigatoriamente a armadura de Saul. Os administradores não devem fazer de seus obreiros meros executores de seus planos e de sua vontade. Devem procurar o equilíbrio nessa questão, pois dela depende, freqüentemente, a felicidade ou a frustração do obreiro, no seu ministério. Costumamos ter como lema, no trato administrativo com nossos obreiros, o seguinte princípio de Rupert Meldeniis: “Nas coisas essenciais, unidade; nas coisas não essenciais, liberdade; em tudo, caridade.”

MINISTÉRIO: *Por falar em pastor distrital, quais as características de um pastor de sucesso, em sua opinião?*

PASTOR TÉRCIO: Em primeiro lugar, é preciso bastante cuidado em definir sucesso no trabalho pastoral. Não se pode medir o êxito de um pastor pelo tamanho de suas realizações ou

pelos resultados numéricos. Às vezes, grandes realizações podem estar ligadas ao sucesso, mas não obrigatoriamente. Se analisarmos a vida e o trabalho de Noé, Moisés, Elias, Paulo, e outros personagens bíblicos, tornar-se-á muito difícil julgá-los apenas pelos que eles conseguiram em resultados mensuráveis. No entanto, todos eles, à vista de Deus, realizaram sua obra. Em todos eles, houve uma característica comum, que deve destacar também todo pastor de hoje, digno desse título. É o princípio mencionado pelo apóstolo Paulo: “Ora, além disso o que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel” (I Cor. 4:2). Fidelidade no cumprimento da missão. Equilíbrio em tudo; amor pelas ovelhas de seu rebanho e cuidado incessante por elas; interesse na salvação das ovelhas que ainda não estão no redil do Senhor; devido preparo dos sermões, para que suas pregações sejam alimento nutritivo e não palha; vida devocional consistente; cuidado por sua própria família, respeito para com seus companheiros de trabalho. E que não seja dado à crítica e à maledicência. Que seja pontual e organizado; um cristão verdadeiro, e que faça de Deus a sua força. Essas são características de um genuíno pastor. Ou de um pastor de sucesso.

MINISTÉRIO: *Como vê a Igreja e o ministério adventista neste final de século?*

PASTOR TÉRCIO: Não faz diferença se a Igreja está no começo ou no final de um século ou de um milênio. Os princípios são os mesmos. Os segredos da vida cristã verdadeira são os mesmos. A missão é a mesma. Os homens são os mesmos. “Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e eternamente.” É claro que cada época tem seus desafios próprios. Mas se a Igreja for fiel a Deus e à Sua Palavra, enfrentará os desafios com fé e confiança no seu grande líder, Jesus.

MINISTÉRIO: *Qual, a seu ver, a maior necessidade da Igreja e do ministério, nos dias atuais?*

PASTOR TÉRCIO: Guardar-se da corrupção do mundo, e gastar mais tempo com Deus, na leitura de Sua Palavra e na oração. O restante virá como resultado natural.

MINISTÉRIO: *Uma mensagem especial para os leitores da revista.*

PASTOR TÉRCIO: Apresento-lhes, como ideal de vida, o lema que inspirou Guilherme Carey, o pai das missões modernas: “Fazei grandes coisas para Deus, esperai grandes coisas de Deus.”

Exercendo a cidadania

HORNE P. SILVA

D.Min., ex-professor de Teologia, jubilado, reside em São Paulo, SP.

Que é política? Ela pode ser definida como a arte de governar e ditar leis e regulamentos, com o fim de manter a tranquilidade e a segurança pública, a ordem e os bons costumes. Nesse sentido, podemos falar de política de Estado, política educativa, política empresarial, política familiar e também política eclesíástica.

Nossa filosofia de política deve estar baseada em princípios estabelecidos nas Escrituras Sagradas expressados nos seguintes textos: Dan. 2:21; 5:21; 4:17; Mat. 22:16; João 19:11; Atos 5:28 e 29; Rom. 13:1 a 7 e 17; Tito 3:1; I Tim. 2:1 a 3; II Ped. 2:13 a 17.

A idéia prevaiente nessas passagens bíblicas é a mesma enfatizada por Jesus, no sentido de “dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mat. 22:18 a 21). O apóstolo Paulo insta com os cristãos a que se submetam à ordem constituída (Rom. 13:1 a 6). Lembremo-nos de que a carta aos romanos foi escrita em algum momento entre os anos 57 e 58, época em que Nero governava o Império.

Devemos, pois, nos sujeitar à autoridade constituída (Tito 3:1). E, em I Ped. 2:13 a 16, está escrito que devemos nos sujeitar a toda autoridade. Paulo, aconselhando a Timóteo, afirma que devemos orar pelas autoridades (I Tim. 2:1 e 2).

A Bíblia contém exemplos de homens leais a Deus, que atuaram em governos do mundo colaborando para o bem-estar da comunidade. José serviu no Egito, como primeiro-ministro. Daniel, nos reinos de Babilônia e Medo-Pérsia. Neemias e Esdras atuaram na Pérsia.

Os melhores cidadãos de um país deveriam ser os cristãos e, entre os cristãos, os adventistas deveriam ser um exemplo de amor à pátria e de colaboração para seu en-

grandecimento, com o melhor de suas forças, bem como para o bem-estar da comunidade nas áreas da educação, da saúde, da assistência social, em todos os níveis permitidos e possíveis.

Em caso de conflito com os princípios bíblicos e as exigências políticas, a posição a ser tomada está bem definida nas palavras de Jesus – “Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” – e no exemplo de Pedro: “... Julgai se é justo diante de Deus ouvir-vos antes a vós outros do que a Deus”; “... Antes importa obedecer a Deus do que aos homens.” (Atos 4:19; 5:29).

“Jesus mandou aos Seus discípulos que em vez de se opor às ordens das autoridades, deveriam fazer mais do que se requeria deles. No possível, deveriam cumprir toda obrigação, além do que exigia a lei do país”, diz Ellen White no livro *O Maior Discurso de Cristo*, pag. 62.

O cristão e o voto

Como deveria o cristão se relacionar com o processo político de votar? A resposta parece clara. O cristão deve ser um bom cidadão. Tem a obrigação de fazer a sua parte para ter um bom governo. E a única maneira de tornar isso possível é através do voto.

Os adventistas nem sempre concordaram com essa posição. Nos anos imediatamente após 1844, muitos entre eles achavam que não deveriam se envolver com política. Sendo que Cristo estava voltando naqueles dias, não havia necessidade de buscar ocupar cargos eletivos, muito menos votar. Alguns pensavam que seus esforços em política não resultaria produtivo. Nada mudaria. Se todas

as indicações proféticas apontavam para uma deterioração cada vez maior do mundo, não seria necessário votar.

Outros ainda argumentavam, defendendo a idéia de marginalização política em virtude do lugar ocupado pelos Estados Unidos no quadro profético. Um voto errado confirmaria a formação da imagem da besta, pensavam eles. Um voto certo retardaria o cumprimento da profecia. Então, o melhor que se poderia fazer era deixar de votar.

No entanto, em 1859, uma eleição municipal em Battle Creek forçou os primeiros adventistas a olharem todos os lados da responsabilidade cristã para com a sociedade e o governo. Em 1865, a Associação Geral recomendou o seguinte: "Em nosso julgamento, o ato de votar, quando exercido a favor da justiça, da humanidade e do direito, é em si mesmo correto, e, muitas vezes, altamente apropriado. Mas re-

crimínamos qualquer participação de espírito partidário." (*Review and Herald*, 23/05/1865).

O maior problema que os cristãos enfrentam ao votar é a falta de onisciência. Mesmo que votem inteligente e conscienciosamente, podem cometer enganos. Todavia, isso é verdade em todas

as áreas da vida. Deveriam os cristãos agir unicamente quando têm absoluta certeza de que estão certos? Se fosse assim, até mesmo a Igreja paralisaria, porque humano algum é infalível. Muitos deixariam de fazer alguma coisa, com medo de errar, enquanto Satanás e suas forças ocupam todo o campo com suas estratégias.

Ao votar, como em qualquer outra atividade, o cristão deve buscar sabedoria divina, e então fazer o seu melhor. Além da obrigação, votar é um direito patriótico do cidadão. O cristão não deveria encará-lo superficialmente, tampouco ser apático.

Ellen White diz o seguinte: "O Senhor quer que Seu povo entere as questões políticas... Não podemos com segurança votar por partidos políticos, pois não sabemos em quem votamos ... Deixai essas questões em paz ... É um engano de vossa parte o ligar

vossos interesses com qualquer partido político, dar o vosso voto com eles ou por eles." (*Obreiros Evangélicos*, págs. 391 a 393).

Tais declarações não excluem a obrigação de votar. Pelo contrário, condena o voto indiscriminado. Ao votar, deve o cristão levar em conta as qualificações do candidato e não o partido ao qual pertence. Quando votamos inteligentemente, estamos assumindo uma responsabilidade de colocar alguém num cargo público. É oportuno lembrar que as questões políticas não devem ser levadas para dentro da igreja.

O cristão no governo

Ocrente não apenas deve votar em boa consciência, mas também pode ocupar cargos públicos. Nesse sentido, duas declarações de Ellen White merecem cuidadoso estudo. Lemos, no li-

vro *Educação*, pág. 262: "Muitos jovens de hoje, que crescem como Daniel no seu lar judaico, estudando a Palavra de Deus, e aprendendo as lições do serviço fiel, ainda se levantarão nas assembleias legislativas, nas cortes de justiça, ou nos paços reais, como testemunhas do Rei dos

**Os melhores cidadãos
de um país deveriam ser os
cristãos e, entre os
cristãos, os adventistas
deveriam ser um
exemplo de amor à
pátria e de colaboração para
o seu engrandecimento.**

reis." Essas testemunhas não têm ação limitada a apresentações ocasionais em favor de problemas específicos. Na realidade, inclui participação em decisões legislativas.

Diz mais a Sra. White: "Querida mocidade, qual é o alvo e propósito de vossa vida? Tendes a ambição de educar-vos para poderdes ter nome e posição no mundo? Tendes pensamentos que não ousais exprimir, de poderdes um dia alcançar as alturas da grandeza intelectual; de poderdes assentar-vos em conselhos deliberativos e legislativos, cooperando na elaboração de leis para a nação? Nada há de errado nessas aspirações." (*Mensagens aos Jovens*, págs. 36 e 37).

Essa declaração foi feita durante uma palestra de Ellen White, dirigida aos professores e estudantes do Colégio de Battle Creek, em 15 de novembro de 1883. Na ocasião, ela continuou explicando as circunstâncias nas

quais é próprio aceitar responsabilidades públicas. Mencionou que não devemos nos contentar com realizações mesquinhas, mas lembrou que “o temor do Senhor está na base de toda verdadeira grandeza”. E que “devemos conservar a solidez e pureza de imaculado caráter cristão, mantendo todas as exigências e interesses temporais em sujeição aos reclamos mais elevados do evangelho de Cristo”.

Disse mais: “Como discípulos de Cristo, não sois impedidos de empenhar-vos em prosseções temporais; mas deveis levar convosco a religião. Amparados pelos princípios religiosos, podeis atingir qualquer altura que desejardes.” É indispensável notar que o ato de “atingir qualquer altura”, deve ser amparado “pelos princípios religiosos”. Na continuidade da palestra, ela aconselhou: “Nunca, porém, cometais o tão grande crime de perverter as faculdades por Deus conferidas para praticar o mal e destruir a outros, disseminar a ruína moral e a corrupção.” Pelo contrário, nossas responsabilidades devem ser “amplamente aceitas, e fiel e conscientiosamente desempenhadas”.

Esse discurso de Ellen White foi publicado na *Review and Herald*, de 19 de agosto de 1884, e está compilado nos livros *Fundamentos da Educação Cristã e Mensagens aos Jovens*.

O que fica bem claro é o fato de que Ellen White não elimina a possibilidade de um bom adventista galgar postos oficiais eletivos. Ninguém toma lugar em “conselhos deliberativos e legislativos, colaborando na elaboração de leis para a nação”, se não for através do voto, elegendo-se. Assim foi no tempo de Ellen White e continua sendo até hoje.

Uriah Smith, pioneiro da Igreja Adventista e redator da *Review and Herald* por mais de 50 anos, num editorial, fala que o “Pastor William C. Cage tomou-se prefeito eleito de Battle Creek”. (*R&H*, 11/04/1882). É pena que não sabemos se foi ou não um bom prefeito.

Governantes bons e maus

A Bíblia tem alguns conselhos extraordinários sobre a questão de servir a um governo civil. Houve bons e justos governantes nos tempos bíblicos, mas também houve alguns que foram cruéis e injustos.

O verdadeiro estadista está muito longe dos políticos corruptos. Muitos homens nobres ocuparam posições de destaque no governo do mundo. Tanto os bons como os maus ocupam posições idênticas no gover-

no. O que faz a diferença? Obviamente, é o homem que faz o seu cargo no governo e não o cargo que faz o homem.

José considerou sua posição no governo do Egito como o resultado direto da intervenção de Deus. Enquanto procurava acalmar o temor dos seus irmãos, disse-lhes: “Deus me pôs por Senhor em toda a terra do Egito ... para conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós” (Gên 45:9 e 5).

Daniel e seus três companheiros hebreus foram selecionados dentre os cativos da Babilônia para serem treinados e preparados tendo em vista posições oficiais do governo. Eles não rejeitaram as instruções. Daniel foi promovido pelo rei a “governador de toda a província de Babilônia, como também o fez o chefe supremo de todos os sábios de Babilônia”. E ele pediu que os seus três amigos tivessem posições com ele, o que o rei concedeu. (Dan. 2:48 e 49).

Os três companheiros de Daniel foram novamente promovidos em seus cargos oficiais, após a experiência da fornalha ardente.

O próximo governante de Babilônia, Dario, reconheceu a liderança de Daniel, fazendo-o um dos três presidentes de todo o reino (Dan. 6:2). Mais tarde, ele se tornou objeto de inveja e ciúmes dos outros dois presidentes e príncipes, porque Dario considerava torná-lo o primeiro do reino. Foi jogado na cova dos leões. Passando no teste, satisfatoriamente, ele “prosperou no reinado de Dario” (Dan. 6:28).

Podem mudar os costumes e o tempo, mas o homem continua o mesmo. Todo tipo de corrupção existente hoje, Daniel já enfrentava na corte babilônica. Mesmo sendo acusado por uma máfia, um grupo de homens corruptos, que reconheceu não haver coisa alguma de que pudesse ser acusado, Daniel não recusou nenhuma responsabilidade civil quando foi chamado a servir no governo.

Mordecai, quando lhe foi oferecida a oportunidade de substituir Hamã, tampouco recusou. Algumas poucas gerações mais tarde, Esdras e Neemias serviram em posições destacadas nos seus respectivos governos.

Submissão

No Novo Testamento, aparece o que podemos chamar “o caráter da responsabilidade civil cristã”: “Todo homem se submetta às autoridades constituídas, pois não há autoridade que não venha de Deus”. À luz dessa afirmação, “aquele que se opõe à autoridade, resis-

te à ordenação de Deus". (Rom. 13:1 e 2, *Bíblia de Jerusalém*). Nos versos seguintes, 3 a 5, Paulo continua dizendo: "os que governam in-cutem medo quando se pratica o mal, não quando se faz o bem. Queres então não ter medo da autoridade? Pratica o bem e dela receberás elogios, pois ela é instrumento de Deus para te conduzir ao bem. Se, porém, praticares o mal, teme, porque não é à toa que ela traz a espada; ela é instrumento de Deus para fazer justiça e punir quem pratica o mal. Por isso é necessário submeter-se não somente por temor do castigo, mas também por dever de consciência."

Pedro colabora com Paulo, afirmando: "Sujeitai-vos a toda instituição humana por causa do Senhor; quer seja ao rei, como soberano; quer às autoridades como enviadas por ele, ... porque assim é a vontade de Deus, ... Tratai a todos

com honra, amais aos irmãos, temei a Deus, honrai ao rei." (I Ped. 2:13 a 17).

Tais palavras, tanto de Paulo como de Pedro, foram escritas justamente na sede do Império Romano, no tempo de Nero, por volta de 64 a.D. Apesar do despotismo de muitos governantes, das corrupções, a ordem bíblica é de respeitar as autoridades constituídas. O *Seventh-day Adventist Bible Commentary* diz que "nenhuma autoridade existe, exceto pela permissão de Deus e sob o Seu controle".

Discutindo a campanha política que se avizinhava de 1880, num de seus últimos editoriais, Tiago White disse: "Nós como um povo, como adventistas, temos diante de nós um tema altamente absorvente e um trabalho da maior importância, no qual a nossa mente não deve divergir..."

"É nosso dever adaptar a nós mesmos, tanto quanto possível sem comprometer a verdade, a todos os que estão dentro da nossa influência, e ao mesmo tempo permanecer livres das lutas e corrupções dos partidos." (*R&H*, 11/03/1880).

Um mês antes da morte de Tiago White, os adventistas estiveram reunidos numa campal, em Des Moines, Iowa, durante a qual uma proposta foi colocada diante dos

delegados: Ei-la: "Resolvido que expresse-mos nosso profundo interesse no movimento de temperança que está sendo executado em nosso Estado; e que devemos instruir todos os nossos ministros a usar influência em nossas igrejas e com o povo em geral, para induzi-los a fazer um esforço consistente, por um trabalho pessoal, votando na urna, em favor da emenda proibitiva da Constituição, cujos amigos da temperança estão procurando alcançar." (*R&H*, 05/07/1881).

Ellen White, que também estava presente, mas se retirara pouco antes do encerramento, foi procurada para dar sua opinião e conselho. Ela aprovou a resolução e jamais mudou sua posição. Num artigo escrito na *R&H*, um ano antes da sua morte, ela enfatizou a responsabilidade de cada cidadão exercitar toda influência dentro de

sua capacidade, incluindo seu voto, para a obra da temperança e virtude: "Enquanto não é sábio tornar-se envolvido em questões políticas, contudo, é nosso privilégio tomar nossa decisão firmemente em todas as questões relacionadas com a reforma de temperança..."

Ação da Igreja

Sendo que o membro da Igreja Adventista é uma pessoa completamente livre para fazer a escolha do candidato que desejar, cabe à Igreja o dever de orientar seus fiéis.

Ela tem a sagrada missão de demonstrar seu patriotismo através do combate aos inimigos do homem, tais como toxicomania, alcoolismo, tabagismo, prostituição, aids, pornografia, jogo, poluição ambiental, poluição sonora e televisiva, entre outros. A Igreja pode influenciar de maneira singular na defesa da liberdade religiosa, da observância do sábado, e também num amplo programa de beneficência social e educacional.

"Cumpra-nos reconhecer o governo humano como uma instituição designada por Deus, e ensinar obediência ao mesmo como um dever sagrado, dentro de sua legítima esfera." – *Atos dos Apóstolos*, pág. 69.

A Igreja mostra seu patriotismo combatendo os vícios, a imoralidade, a poluição ambiental, sonora e televisiva. Ela pode influenciar na defesa da liberdade religiosa, da observância do sábado, e apoiar programas sociais e educacionais.

Ele repartiu a Sua glória

RAFAEL LUIZ MONTEIRO

Diretor de Ministério Pessoal na Associação
Amazônia Ocidental.

“**O**mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações; agora, todavia, se manifestou aos Seus santos; aos quais Deus quis dar a conhecer qual seja a riqueza da glória deste mistério entre os gentios, isto é, Cristo em vós, a esperança da glória.” (Col. 1:26 e 27).

A palavra “glória” é uma das grandes palavras da revelação divina, e sugere uma relação de conhecimento e compromisso. Conhecimento, porque está diretamente relacionada com a expressão visível da presença de Deus; de como Se revela ao ser humano por meio de seus atos poderosos, na criação e na redenção. E compromisso, devido ao fato dessa revelação não ser limitada a nós. Temos que transmiti-la aos semelhantes, como missão de vida e de serviço.

Conforme usará nas Escrituras, no Velho e Novo Testamentos, a palavra “glória” tem sugerido o entendimento de pelo menos três formas pelas quais se expressa: como glória humana, revelando jactância ou pretensão de ser algo importante naquilo que faz para satisfazer o ego pecaminoso; como glória mundana, expressão maior daquilo que representa a Satanás e sua artificiosa maneira de iludir os incautos com o efêmero prazer das mundanidades e do pecado; e como glória divina, na forma de uma irradiante luminosidade ou esplendor, que atribui à visível manifestação do poder de Deus.

De maneira muito especial, isso foi relevante na vida e no ministério de Jesus. Desde o Seu nascimento, passando por Sua juventude, seu ministério, paixão e morte perto de Jerusalém, essa glória, embora velada pela humanidade, vez por outra aflorava magnificamente (Mat. 29:18; João 17:5; Atos 7:2; Apoc. 4:11).

No Velho Testamento, com frequência, o uso da palavra “glória” (*kabod*) é aplicado a Deus, estando seu significado associado à honra, esplendor e reputação. Mais tarde, desenvolveu um sentido de presença visível

ou manifestação divina que os judeus chamaram de *shekinah*. No Novo Testamento, a palavra destaca-se como a visível glória (*doxa*), como expressão da íntima essência e caráter de Deus, e como o absoluto louvor, no sentido de tributar-Lhe a glória devida.

Nos dois Testamentos, o termo é aplicado à manifestação de Deus em favor da humanidade caída, que teve seu clímax na presença visível de Jesus. A espontaneidade da manifestação dessa glória está na operação do Seu poder em favor de outros, através da vida e ministério de Cristo. Por ocasião do Seu nascimento, os pastores viram a glória de Deus (Luc. 2:20), o mesmo acontecendo com as pessoas que presenciaram a cura do paralítico em Cafarnaum e na reação das multidões que testemunharam outros milagres (Mar. 2:12; Mat.15:31). A glória de Deus foi vista na ressurreição do filho da viúva de Naim (Luc. 7:16) e por ocasião da restauração da vista ao cego de Jericó (Luc.18:43).

Na criação e na redenção

Como foi visto, o substantivo glória está intimamente associado à revelação e manifestação de Deus. E Ele repartiu Sua glória ao criar o Universo, de modo particular, ao criar o homem à Sua imagem e semelhança. O homem e a mulher foram envolvidos pela glória divina, em sua existência edênica, revelando assim o caráter insuspeitável do Criador, diante do Universo. Criados à imagem de Deus, homem e mulher estavam, como nenhum outro ser, condicionados a revelar o caráter de Deus.

A santa iluminação que envolvia o primeiro casal refletia, assim, o caráter divino. A isso se referiu Paulo quando disse: “... o homem é a imagem da glória de Deus” (I Cor.11:7). Escrevendo aos romanos, o apóstolo também explicou os resultados nefastos do pecado na vida de Adão e Eva, e, por extensão, em todos os seus descendentes:

“Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Rom. 3:23).

Na redenção, a glória de Deus foi repartida com maior desenvoltura, adquirindo um novo desígnio. Está intrinsecamente ligada ao poder transformador de Cristo e de Sua palavra. NEle e em Sua obra salvadora, temos a maior manifestação da glória divina. Ele veio para glorificar o Pai e revelar Sua glória, repartindo-a com todos. Fez isso com Seus discípulos, quando no Tabor repetiu a experiência de Moisés no Sinai séculos antes (Mat. 17:1 e 2). Pela Judéia e Galiléia, Ele a distribuiu no atendimento prestimoso aos cansados, famintos e doentes. Repartiu com eles a Sua glória levando-os a compreendê-la como uma manifestação viva e luminosa de Seu caráter. Era o unigênito de Deus, cheio de graça e de verdade, e “vimos a Sua glória” (João 1:14). Agora, a glória do Senhor era manifestada mais uma vez de modo diferente daquele em que o fora no princípio. Estava exemplificada na vida de uma pessoa, a pessoa do Filho de Deus, Cristo Jesus.

Paulo falou do “mistério que estivera

oculto dos séculos e das gerações” (Col. 1:26). A palavra mistério, aqui, tem o sentido de revelação do propósito de Deus no sentido de salvar o homem, que era figuradamente entendida nos sacrifícios e ofertas, desde as ofertas de Caim e Abel, passando por Noé, Abraão, Isaque e Jacó. Todos entenderam a forma do evangelho nas ofertas sacrificais. Por isso, todos fomos resgatados pelo precioso sangue de Cristo e não por prata, ouro ou pedras preciosas. Nada podia impedir a Deus de derramar Sua glória para restaurar o ser humano como resultado de Sua recriação por meio do evangelho em símbolos, compreendido e aceito pela fé.

Abraão viu a glória do Senhor no mistério do sacrifício de seu filho, no Moriá. Cristo recebeu a glória de Seu Pai a fim de repartí-la com Seus filhos. Repartiu vida e salvação, e todos os que nEle crêem recebem a mesma porção de glória para dividir com outros, até que o mundo seja inundado por ela. Sua vida sem pecado foi escondida num invólucro de carne humana, mas sem o pecado da natureza humana. Apenas o tipo de

A. Pico



natureza humana já despida da glória edênica, mas agora restaurada por Ele.

Com Israel e as nações

Com a saída de Israel do Egito e sua peregrinação pelo deserto, compreendemos como Deus revela Sua glória de maneira mais excelente para o Seu povo. O Egito conheceu o lado da glória divina que destrói o ímpio e seu pecado. Mas Israel conheceu o lado redentivo dessa glória. Sua revelação em cada passo da caminhada pelo deserto, até o final triunfante, foi muito importante ao determinar o destino da nova nação que seria o modelo para o mundo. Os deuses de pedra ou pau, de ouro ou prata, não podiam contestar a manifestação poderosa do Deus dos hebreus.

A glória do Senhor manifestava-se na nuvem (Êxo. 16:10). Repousou no Monte Sinai (Êxo. 24:16). Foi revelada a Moisés, na fenda da rocha (Êxo. 33:18), e foi impressa em seu rosto (Êxo. 34:35). Encheu o tabernáculo do deserto, anunciando a augusta presença do Senhor entre Seu povo (Êxo. 40:34). Foi vista na oferenda de sacrifícios (Lev. 9:23 e 24) e na dedicação do templo (I Reis 8:11).

Esses exemplos de revelação da glória de Deus na experiência de Israel, está no contexto maior da manifestação de Sua presença e a revelação de Sua vontade na condução de Seu povo escolhido. Israel não poderia duvidar do poder divino em sua jornada feliz. As promessas de Deus estavam vinculadas à permanência de Sua glória entre a nação israelita (Salmo 104:31).

A manifestação da glória do Senhor estava ligada ao conhecimento de Deus que seria levado a todas as nações da Terra (Salmo 96:3; Eze. 39:21). A salvação de todos os povos da Terra estava bem fundamentada na revelação da glória divina a todos eles. Israel seria a reunião de todas as nações da Terra para a glória do Senhor e Seu Messias (Hab. 3:3).

As profecias que assinalaram um reino de paz e prosperidade para Israel estavam diretamente condicionadas à obediência ao concerto que fora feito entre Deus e Seu povo peculiar. O Senhor tirou os israelitas da escravidão do Egito a fim de que pudessem torná-los um povo zeloso e de boas obras, cujo objetivo maior em sua vida fosse a glorificação do Seu nome. Essa iniciativa divina determina todo o esboço de um plano estabelecido no sentido de anunciar a todas as na-

ções da Terra a bondade e misericórdia de Deus (Deut. 6:13; Jer. 31:31 a 33).

Israel seria o centro da Terra, e, por sua presença mediadora nos negócios do mundo, este gozaria paz permanente. Três palavras resumiriam o processo divino da grandeza de Israel e transformaria a nação na glória de Jeová: prosperidade, longevidade e sanidade. Não existiriam pobres, nem velhos, nem pecadores. Os três sinais devastadores do pecado na vida humana, desapareceriam num longo processo de educação e redenção. A nação seria o modelo para todos os povos, e a glória do Senhor encheria a Terra (Jer. 33:9; Isa. 43:7; Sal. 97:6).

Um reino teocrático foi organizado. O desenvolvimento desse plano estava em curso, e por meio dos reis de Israel Deus iria ensinar as nações ao redor o Seu caráter expresso na vida da nação e impresso na vida de cada fiel testemunha Sua. A prosperidade chegou ao auge, nos dias de Salomão. A glória do Senhor foi manifesta na dedicação do templo, e parecia que o favor divino jamais seria afastado da comunidade. Reis e rainhas vieram de longe para prestar homenagens ao reino de Salomão e descobriram porque a nação era tão próspera. Como Israel não teria problemas econômicos, as demais nações desejariam imitar sua mordomia fiel, na prática da devolução de dízimos e ofertas.

Mas este clima de prosperidade, em vez de reverter a imoralidade e o pecado, desenvolveu um espírito de idolatria e pecaminosidade muito mais acentuado do que o que se observava entre outras nações ao seu redor. O enfraquecimento moral da nação gerou disputas internas e alimentou as ambições de conquistas das nações pagãs.

Uma revolução interna cindiu o reino de Israel em duas casas: a casa de Israel, com 20 reis da dinastia rebelde, principalmente Jeroboão; e a casa de Judá, com 20 reis da dinastia davídica em sua maioria.

A primeira casa real foi para o exílio da Assíria em 722 a.C., e a segunda casa real de Judá, para o cativeiro babilônico em 586 a.C. Sendo destruído o templo, símbolo da presença de Jeová e revelação de Sua glória para todos os povos, a cidade de Jerusalém, de onde Deus prometera que Sua glória não seria retirada, estava agora em ruínas. E em todo o serviço de culto a Jeová, desapareceu o processo de educação por meio dos símbolos litúrgicos. A nação exilada e espalhada conviveria agora com outros sistemas de

culto idólatra, que representavam a glória efêmera dos ídolos. Todo o plano divino de redenção do mundo por meio de Israel foi revertido. Nada podia ser feito com toda a nação no exílio. O plano abortara. Não havia um povo próspero, nem longevo, nem santo. Tudo perdido. O que parecia ser uma longa noite de cativo, que durou 70 longos anos, transformou-se num grande desafio. Deus instou Seu povo a mudar a situação. Havia uma esperança. Ele não muda, e não poderia deixar Sua glória ir ao pó.

As promessas divinas estavam de pé, caso a nação recobrasse o sã juízo e iniciasse uma obra de reavivamento e reforma, em cumprimento das palavras dos profetas: “Consolai, consolai o Meu povo ... Falai ao coração de Jerusalém, bradai-lhe que já é findo o tempo da sua milícia, que a sua iniquidade está perdoada e que já recebeu em dobro da mão do Senhor ... Todo vale será aterrado, e nivelados todos os montes e outeiros; o que é tortuoso será retificado, e os lugares escabrosos, aplanados. A glória do Senhor se manifestará...” (Isa. 40:1 a 5).

Deus, misericordiosamente, estava concedendo uma oportunidade a Israel, através do Messias. Era uma mensagem de conforto, na qual o objetivo mais importante era a restauração da vida nacional. Perdão, expiação e redenção eram as expressões que ditavam a nova ordem de Deus em relação a Seu povo. Seria suscitada uma voz clamando por um novo caminho pelo deserto: o caminho da santidade que fora retido pela transgressão nacional.

Os engenheiros reais deveriam aterrar os vales, destituir as orgulhosas montanhas, endireitar o que estava tortuoso e aplanar o que era áspero. Essa obra seria feita por Deus, por intermédio do Messias. Era uma obra espiritual. Então se veria novamente a glória do Senhor manifestando-se no meio do Seu povo. Novamente, Deus repartiria Sua glória com Israel restaurado para alcançar todas as nações.

Esse plano foi interpretado erroneamente pelos líderes israelitas; e, quando a “voz do que clama no deserto” – João Batista – apareceu, às margens do Jordão, pregando o arrependimento em virtude da chegada do reino de Deus, foi silenciada pela prisão e morte. E o Messias, que viria para efetuar uma obra de salvação, ajuntando em torno de Si todo o Israel, foi condenado como blasfemo e perigoso revolucionário, crucificado como um malfetor da pior estirpe. Havia um dito

em Israel segundo o qual a sua glória era o Messias. Agora, estando Ele na cruz, *icabod*, onde está a glória?

Com os olhos humanos, seria difícil vislumbrar a glória de Israel com o seu Messias pregado na cruz. No entanto, a cruz, símbolo do autoritarismo, do poder diabólico e destruidor de esperanças, transformou-se no maior sinal do favor divino, não apenas para Israel, mas para o mundo. A grande milícia estava finda, e a obra da expiação longamente esperada por Israel havia chegado finalmente a bom termo. “E agora, estava a morrer o Senhor da glória, o Resgate da raça”, diz Ellen White (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 752). Ao exclaimar “Está consumado”, a obra de salvação estava concluída e a glória de Jeová, mais uma vez, repartida.

No mesmo instante do angustiado grito do Filho de Deus, o sacerdote, no santuário, tentava imolar o cordeiro pascal, mas o inesperado acontece. A Terra se sacode nos estertores da paixão por seu Criador, o véu do templo se rasga por inteiro, como por mão invisível, expondo à multidão de adoradores o interior do lugar antes cheio da presença divina. “Ali habitara o *shekinah*. Ali manifestara Deus Sua glória sobre o propiciatório” (*Idem*, pág. 757). O sacerdote, surpreendido pela cena que então presencia, não percebe que o cordeiro escapara e o sacrifício do animal acabava ali, naquele momento. O verdadeiro sacrifício estava acontecendo apenas a poucos metros dali. A glória do santíssimo havia desaparecido, pois a glória do Santo dos Santos estava sendo irradiada da cruz, nas gotas de sangue derramadas pela humanidade pecadora.

A partir daquela tarde memorável, o mundo não seria mais o mesmo. O longo cativeiro do pecado havia acabado. Raiava a era da libertação dos pecados para a humanidade e a glória perdida por Adão, no Éden, havia sido finalmente restaurada completamente, e todos os que a desejassem, deveriam crer naquele que entregava ali Sua vida. “Foi feito o grande sacrifício. Acha-se aberto o caminho para o santíssimo. Um novo, vivo caminho está para todos preparado.” (*Ibidem*).

Um soldado ainda Lhe abriu o lado com uma lança. Era como se fosse uma repetição da experiência de Adão no Jardim do Éden, quando teve seu lado aberto, e tirada uma costela da qual Eva fora formada. Adão repartiu sua glória com a mulher que Deus lhe

dera. Semelhantemente, Jesus repartiu Sua glória com a Igreja, Sua noiva.

Ao nascer a Igreja, o novo Israel, como uma nova nação espiritual, sob a liderança de outros doze homens, não mais eram os doze filhos de Jacó, mas eram os doze apóstolos que fundaram uma nova comunidade de salvos e santos para revelação da glória de Jeová, tendo em Jesus o centro do programa. Era o reino de Deus sendo estabelecido para repartir Sua glória a todos os habitantes do mundo, pela disseminação do evangelho pregado sob a influência poderosa do Espírito Santo (I Tim. 3:15; I Ped. 2:9; Apoc. 5:9).

Com a Igreja

A princípio, Israel revelou a glória de Deus. No entanto, algo saiu errado. Não da parte de Deus, mas por motivos que a própria nação deveria confessar. Israel trocou a glória do Senhor pela glória do quase nada ou do nada vale, os ídolos (Jer. 2:11). Deus mesmo havia confessado não repartir Sua glória com falsos deuses (Isa. 42:8).

O Senhor tem ciúmes de Sua glória, pois é a expressão de Si mesmo. Seu caráter está vinculado à manifestação de Sua glória. Ela é mais que uma manifestação luminosa de fogo consumidor, ou quaisquer outras manifestações exteriores. É Sua santidade revelada na vida de Seu povo. É a imagem de Deus impressa na imagem do homem redimido e salvo por meio da Palavra e do Seu Espírito.

Falhando Israel, o problema foi resolvido através da encarnação do próprio Filho de Deus. É assim que O vemos como Homem de dores e Salvador da humanidade. O Filho de Deus viria como Homem para repartir a glória do Pai entre os homens. Algo novo estava acontecendo.

O Messias nascera em Belém, ocultando a glória do Senhor na simplicidade de um bebê, oriundo de pais pobres. Ali estava a glória de Deus, velada para a compreensão do novo Israel que estava surgindo (Prov. 25:2). Era o mistério encoberto desde a antiguidade, mas agora revelado em toda a sua plenitude. No cântico de Simeão, essa revelação foi percebida tornando-se mais coerente com aquilo que falaram todos os profetas do passado (Luc. 2:32). A glória do Messias estava em Sua pobreza e maneira altruísta de viver em favor dos homens e mulheres pecadores do mundo.

No deserto, o próprio Satanás tentava reclamar a adoração de Cristo, supostamente baseada no “poder” e na “glória” tomados de Adão por meio do engano e da mentira. A glória do mundo, satânica, é efêmera e desagregadora quanto aos interesses eternos.

Na encarnação, a glória que o Salvador tivera com o Pai, antes da criação do mundo foi encoberta (João 17:5). Foi a tentativa de usurpação dessa glória que ocasionou a rebelião no Céu, transferida para a Terra numa forma tão destruidora que, somente como Deus idealizou, seria possível fazê-la voltar a ser uma prerrogativa da humanidade por meio de Cristo.

“Porventura não convinha que o Cristo padecesse estas coisas e entrasse na Sua glória?” (Luc. 24:26). Essa é uma das mais significativas declarações de Jesus após Sua morte. O ato de entrar em Sua glória significa Sua mais completa aceitação por Deus e o Universo não caído, após executar o plano de redenção na cruz. Deus o exaltou acima de todas as potestades no Céu e na Terra. Pelo pecado, o homem ficou destituído da glória de Deus (Rom. 3:23). Pela redenção, essa glória foi restaurada (Rom. 9:23). Pela Igreja, a glória foi revelada ao mundo (Efés. 3:21). Pelo evangelho, a glória de Deus é manifestada agora (I Tim. 1:11). Somos partícipes da glória que há de ser revelada em toda a sua plenitude (I Ped. 4:13; 5:1 e 4). Assim como fomos chamados para Sua glória, somos, hoje, pela redenção e pregação do evangelho, a glória do Senhor manifesta a todos os habitantes da Terra (I Ped. 5:10).

Estamos todos repartindo a glória de Deus por meio da pregação do evangelho, que inclui a revelação dessa glória como a essência do relacionamento de Seu povo remanescente, no tempo do fim (Apoc. 14:7). Isso significa a vindicação de Seu caráter mais uma vez por meio de Seu povo redimido, o que somente será possível permanecendo em Cristo (João 15:5), fazendo Sua vontade (I Cor. 10:31), enfim, nascendo de novo (João 3:5).

A Igreja é essa nova revelação da glória de Jeová e de Cristo. O arrependimento, a confissão, o novo nascimento, o testemunho pessoal, são os elementos visíveis dessa glória agora revelada por meio do evangelho (Rom. 1:16 e 17). A pregação alcançaria a todos os gregos e bárbaros, romanos e judeus. Não haveria mais barreiras que não pudessem ser transpostas ou derribadas.

Em tudo e por todos

Avista de um Deus de glória, não poderíamos viver sem a revelação dessa glória na vida de todos nós. A glória do Senhor, que a princípio estava vinculada à revelação de Seu caráter, de uma forma mais clara, na vida da nação judaica, nos ritos do santuário, tanto no deserto como no templo, foi finalmente revelada em Cristo. Seres humanos e instituições humanas são passíveis de falha em revelar ou expressar tal glória. Por isso, em Cristo essa realidade tornou-se vitoriosa. Deus foi glorificado no Filho, e partilha Sua glória com todos os que dEle se aproximam e reclamam a salvação pela fé.

A glória é a revelação do caráter de Deus: santidade, bondade, misericórdia, amor, justiça. A essência de Sua natureza é entendida como Sua glória, e a todos está disponível. Em Jesus, podemos ser participantes dela e, por Ele, poderemos reparti-la com a humanidade. Finalmente, a glória divina, tem aplicação dupla: um fogo consumidor do pecado; e uma manifestação de claridade que ilumina e confirma a presença de Deus entre o Seu povo. A glória divina, como um fogo consumidor, foi vista na experiência de Sodoma e Gomorra (Gên. 19:24); na rebelião de Coré, Datã e Abirão (Núm. 16:35); por ocasião da apostasia de Nadabe e Abiú (Lev. 10:1 e 2); e será evidenciada na destruição final do pecado e pecadores (Apoc. 20:9 e 14).

Em sua forma prodigiosa e exuberante, ela pôde ser vista nas montanhas de Horebe (Êxo. 3:2), na sarça que ardia sem se consumir diante de Moisés; numa nuvem de fogo no deserto, que iluminava a noite como labareda de fogo, para guiar a trilha do povo de Deus (Êxo. 13:21); no interior do Santo dos Santos, no Santuário, por ocasião do julgamento do povo israelita no Dia da Expição; sobre a Arca da Aliança, conhecida como Propiciatório, e o *shekinah*, quando Deus Se manifestava aceitando Seu povo (Lev. 16). Houve ainda a poderosa demonstração, na experiência do Pentecostes, capacitando a Igreja para a evangelização do mundo (Atos 2:3; Luc. 3:16). E a simbologia da purificação do caráter, por meio das aflições (I Ped. 1:7).

Pela aceitação do evangelho de Cristo, somos feitos a “esperança da glória” do Senhor. NEle, esperamos a manifestação da glória que transformará não apenas nosso ca-

ráter, mas também nosso corpo “num abrir e fechar olhos” (I Cor. 15:52; I Tess. 4:16 e 17). O Senhor, ao repartir Sua glória com Seu povo, estará revelando o Seu caráter, salvando pecadores.

No deserto, Satanás ofereceu a glória do mundo e dos homens em troca da adoração de Cristo; no Tabor, Cristo revelou Sua glória aos discípulos, velada pela humanidade. No templo, Ele aparece expulsando os irreverentes cambistas, irradiando glória de Seu rosto, como a ira de Deus ao pecador. Em Seu ministério, por onde quer que andasse, curava as pessoas de suas enfermidades, e assim repartia a glória do Pai com todos. Finalmente, na cruz, aconteceu o clímax da revelação da glória de Deus, na morte do Seu Filho Cristo Jesus.

Subiu ao Céu e, entronizado diante de Deus, recebeu a glória de um vencedor. Agora, no Santuário, oferece Seu sangue redentor aplicativo ao remanescente crente e fiel, no julgamento e apagamento dos pecados dos Seus filhos; e na descrição maior da revelação de Sua glória, que mais uma vez será presenciada por ocasião do Seu retorno glorioso à Terra, o segundo advento.

Deus convida o Israel moderno a fim de que construa sua vida, de fé em fé, sob a irradiante glória que emana do Gólgota. E, uma vez banhado nessa glória, possa entrar ainda pela fé diante do trono imarcescível de glória, onde o Senhor pleiteia por todos os que se submetem à Sua revelação.

A glória divina expurgará para sempre o pecado da vida do crente, tornando-o livre para vindicar o caráter de Seu criador, por meio de sua vida de testemunho e fidelidade. Isso está no contexto da expiação como um processo divino na revelação do mistério que esteve oculto, pelos séculos antigos, mas agora é revelado na vida da última geração de santos, numa experiência de fiel relacionamento com Ele. Todos verão a glória divina revelada na vida do fiel remanescente.

A glória do Senhor será para o crente a certeza de sua completa restauração e eterna redenção. Ela estará, finalmente, impressa na vida de todas as fiéis testemunhas do Senhor. Mas a glória irradiada da face de Cristo será a maior alegria para o Universo redimido. O pecado para sempre destruído. “Pecado e pecadores não mais existem. O Universo inteiro está purificado.” – *O Grande Conflito*, pág. 383, (edição condensada).

O perfeccionismo e a volta de Jesus

MILTON L. TORRES

Professor de Línguas no Salt-Iaene.

A idéia corrente de que há uma demora com respeito à volta de Jesus é teologicamente ligada a dois outros conceitos muito importantes: a natureza de Cristo e a perfeição cristã.

A polêmica a respeito do fato de Cristo, durante Seu ministério terrestre, ter ou não tido vantagens sobre o homem comum no que tange às tentações que teve que resistir, é historicamente antiga e se insere numa discussão ainda mais ampla, a chamada controvérsia cenótica: Absteve-Se Cristo de usar Seus atributos divinos inteiramente, ou apenas usou-os veladamente? Esse debate surgiu do confronto de duas universidades luteranas (Giessen e Tübingen) acerca do vocábulo grego *kénosts* cuja forma verbal aparece em Fil. 2:7 e 8: “antes a Si mesmo Se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-Se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a Si mesmo Se humilhou, tornando-Se obediente até à morte, e morte de cruz.” No entanto, para os luteranos, a controvérsia terminou subitamente por causa da Guerra dos Trinta Anos, sem nenhum resultado definitivo.

A controvérsia cenótica desemboca, mais especificamente, na polêmica lapsariana (do termo latino *lapsus* = pecado), a qual envolve as seguintes questões: Cristo, ao encarnar, assumiu a natureza que Adão possuía antes do pecado (teoria pré-lapsariana), a que passou a ter após o pecado (teoria pós-lapsariana), ou ambas (teoria ambilapsariana)? Esta última parece ser a mais coerente com as declarações de Ellen White, que ora dá a entender que Jesus assumiu a natureza de Adão com perfeita isenção de pecado, ora afirma que Ele assumiu a natureza pecaminosa do homem.

Algumas de suas declarações nesse sentido são: “Não devemos ter dúvida acerca da perfeita ausência de pecado na natureza humana de Cristo.”

“Assumiu [Cristo] Sua posição como cabeça da humanidade por tomar a natureza, não a pecaminosidade do homem.”

“Tomou [Cristo] sobre Si nossa natureza pecaminosa.”

“Tomando sobre Si a natureza humana em seu estado decaído.”

Mas, se as declarações de Ellen White têm ares de ambilapsarianismo, como corolário disso, surgem algumas outras importantes questões teológicas: Poderia Cristo ter pecado? Tinha Ele propensão para o pecado?

Possibilidade de pecar

Surpreendentemente, a Bíblia não dá uma resposta explícita à indagação se Jesus poderia ou não ter cedido ao pecado. Mas ela deixa claro que Ele foi severamente tentado, e, portanto, parece subentender uma resposta afirmativa. Entre os defensores históricos da impossibilidade que Cristo tinha de pecar encontrava-se a figura W. J. Waggoner, famoso por sua participação na Assembléia da Associação Geral de 1888, em Mineápolis, declarando que Jesus não podia pecar. Louis Berkhof, eminente teólogo protestante, afirmou ser difícil “imaginar as tentações daquele que não podia pecar”.

Ellen White, por sua vez, também se pronunciou:

“As tentações às quais Cristo esteve sujeito foram uma terrível realidade. Como um agente livre, Ele foi posto à prova, com liberdade para ceder às tentações de Satanás e agir contrariamente aos propósitos de Deus. Se não fora assim, se não tivesse sido possível que Ele caísse, então Ele não podia ter sido tentado em todos os pontos em que a família humana é tentada.”

“Permitiu Deus que viesse Seu Filho, impotente criancinha, sujeito à fraqueza da humanidade. Permitiu que enfrentasse os peri-

gos da vida em comum com toda a alma humana, combatesse o combate como qualquer filho da humanidade o tem de fazer, com risco de fracasso e ruína eterna.”

Ellen White nada mais faz do que reconhecer a realidade da tentação de Cristo, conforme as Escrituras a declaram: “Ele foi tentado em todas as coisas à nossa semelhança, mas sem pecado” (Heb. 4:15). A expressão grega *katá panta*, que aparece aqui com o sentido de “em todas as coisas”, enfatiza a intensidade de Suas tentações.

A Bíblia não declara que as tentações de Jesus foram exatamente as mesmas que o homem comum enfrenta. Ele foi tentado “à nossa semelhança”, isto é, Cristo foi tentado naquilo que constituía uma tentação para Ele: abortar ou alterar Sua missão, agir de forma autônoma ou independente de Deus, fazer uso de Sua divindade para Seu próprio benefício. Roy Adams, editor associado da *Adventist Review*, declara que “qualquer um de nós que pense, por um momento sequer, que nossas tentações possam se comparar em intensidade, às de Jesus, está sendo patentemente ridículo.”

A intensidade das tentações de Cristo foi infinitamente superior à intensidade de nossas próprias tentações. “Foi tão difícil para Ele descer ao nível dos homens quanto o seria para o homem elevar-se ao nível da divindade, deixando para trás sua natureza depravada.”

“Cristo foi tentado de forma cem vezes mais severa do que Adão o foi, e sob circunstâncias ainda mais probantes.”

“As refinadas sensibilidade de Sua natureza santa faziam com que o contato com o mal fosse indescritivelmente doloroso para Ele.”

E nós ainda ficamos preocupados se Cristo teve vantagem sobre nós, ao tornar-Se homem. Mil vezes não! De fato, Ele teve inúmeras desvantagens.

Propensão para o pecado

O segundo questionamento que advém da polêmica lapsariana é aquele que diz respeito a se Cristo tinha propensão para o pecado ou não. Isso pode ficar mais claro se a pergunta puder ser reformulada nos seguintes termos: Cristo sentiu vontade de pecar?

Há aqueles que advogam o pensamento de que para ser nosso exemplo, em todos os sentidos, era necessário que Jesus vencesse o pecado nas mesmas condições em que somos chamados a fazê-lo. Mas isso não pode

ser verdadeiro porque uma compreensão teológica do assunto indica que Cristo resistiu a tentações muito maiores do que aquelas às quais jamais fomos chamados a resistir.

Martin Weber declara que a diferença básica entre as tentações de Cristo e as dos demais homens é precisamente uma diferença de graus:

“Cristo foi tentado a suprimir a Sua natureza humana adquirida e liberar Sua divindade natural. Nós somos tentados a suprimir nossa natureza espiritual adquirida e liberar nossa pecaminosa natureza humana.”

Recorrendo a Ellen White, não podemos ter dúvidas a respeito de como ela encarava a questão: “Ele é um irmão em nossas enfermidades, mas não no possuir semelhantes paixões. Como Aquele que é sem pecado, Sua natureza repugnava o pecado.”

“Seja cuidadoso, extremamente cuidadoso a respeito de como lidar com a natureza humana de Cristo. Não o apresente ao povo como sendo um homem com propensões para o pecado ... Ele podia ter caído, mas em nenhum momento houve nele qualquer propensão para o mal. Ele foi assaltado pelas tentações no deserto da mesma forma que Adão o foi no Éden.”

“Foi Cristo o único Ser livre de pecado, que já existiu na Terra.”

Se Ellen White parece tão clara a respeito deste assunto, por que existe tanta polêmica na Igreja relacionada com ele? Há uma razão histórica e teológica para isso.

Perfeccionismo

Provavelmente, a primeira vez em que houve um confronto na Igreja a respeito da natureza de Cristo deve ter sido por ocasião do pronunciamento de A. T. Jones, na Assembléia da Associação Geral de 1895:

“A natureza de Cristo é precisamente a nossa natureza. Em Sua natureza humana não há sequer uma partícula de diferença entre Ele e vocês.”

Jones foi confrontado pelos delegados com a declaração de Ellen White, citada anteriormente neste artigo, segundo a qual “Como Aquele que é sem pecado, Sua natureza repugnava o pecado”. No entanto, em vez de admitir publicamente seu equívoco, buscou uma evasiva: “Ele foi feito em semelhança de carne pecaminosa; não em semelhança de mente pecaminosa. Não arrastemos Sua mente a isso. Sua carne era nossa carne; mas a mente era a mente de Cristo Jesus.”

Por causa dessa diferença de opinião, alguns irmãos dissidentes insistem até hoje que a principal razão para a apostasia de Waggoner e Jones, os dois baluartes da mensagem da justificação pela fé, teria sido exatamente uma “rejeição” por parte da Igreja, de sua visão acerca da natureza pós-lapsariana de Cristo.

A razão para uma insistência no fato de que Jesus tenha recebido a natureza pecaminosa de Adão após o pecado, mesmo contrariando as declarações de Ellen White, é simples: eles querem estabelecer o ponto fundamental de que o que Cristo fez nós também podemos fazer.

“É impossível ter a fé neotestamentária em Cristo e continuar pecando. Não podemos nos desculpar alegando que somos apenas humanos ... Ele [Cristo] não pode ministrar para sempre o Seu sangue, em substituição, para cobrir o pecado perpétuo de Seu povo. Ele deve ter um povo que vença como Ele venceu, um povo que condene o pecado na carne, dizem Robert Wieland e Donald Short.”

Uma defesa do perfeccionismo jaz no cerne dessa disputa. O desejo de que a Igreja atinja a perfeição das obras é o motor de uma insistência quanto ao ponto de que Cristo tenha tido propensões para o pecado.

Um outro baluarte da teologia adventista, que caiu vítima desse engano, foi M. L. Andreasen, autor de *O Ritual do Santuário*. Ele acreditava que o grupo vivo por ocasião do retorno de Jesus terá alcançado absoluta perfeição ou santidade. Antes que a volta de Jesus possa ocorrer, os 144 mil terão eliminado e destruído o pecado, o que ele considerava como sendo parte da purificação do santuário. Diz Andreasen: “Enquanto caminhamos pela senda da santificação, enfrentando um problema de cada vez, nós progredimos em santificação e nos aproximamos da santidade. Desde o momento em que começamos, Deus nos está imputando justiça. Não estamos ainda perfeitos, mas estamos na direção certa, e se morrermos antes de alcançar o alvo, Deus julgará nossos motivos e dar-nos-á crédito pelo que tínhamos feito caso tivéssemos tido a oportunidade.”

Essa declaração é notadamente legalista. Andreasen ensinava que a volta de Jesus só poderia ocorrer quando Ele não mais fosse detido no santuário celestial pela obra de interceder em favor de pecadores. Quando Seu povo, na Terra, tivesse alcançado a perfei-

ção, então Ele poderia abandonar o Seu ofício e vir ao encontro deles. Mas, para que pudesse estabelecer esse tipo de teologia, era necessário que ele a fundamentasse com o ensinamento de que Cristo tinha propensões para o pecado.

“Que Deus tenha isentado a Cristo das paixões que corrompem o homem é o acme de toda a heresia. É a destruição de toda religião verdadeira e anula completamente o plano da redenção. Faz de Deus um enganador e de Cristo o Seu cúmplice”, dizia Andreasen.

Por causa de toda a amargura e ressentimento que restaram dos confrontos de Andreasen com outros teólogos adventistas (especialmente com L. Roy Froom, W. E. Read, T. E. Unruh e Roy A. Anderson), ele passou a assumir uma atitude contrária à Igreja, que acabou culminando com a suspensão de suas credenciais, em 1958.

Três dificuldades

O tipo de teologia até aqui discutido gera três problemas. Primeiramente, há uma necessidade cada vez menor de um Redentor. Se, algum dia antes da segunda vinda de Cristo, um grupo de homens viverá na Terra, sem a necessidade de Sua intercessão, por que ela seria necessária hoje? Não poderíamos ser vitoriosos sobre o pecado por nossas próprias forças?

Em segundo lugar, a defesa de um perfeccionismo absoluto geralmente descamba para o legalismo. Além disso, todos aqueles que possuem tendências perfeccionistas sabem o quão frustrante é a experiência de lutar no sentido de se tornarem absolutamente perfeitos durante todo o tempo.

Finalmente, a própria idéia da demora da segunda vinda de Cristo é uma resultante da concepção de que nós precisamos fazer alguma coisa para que Ele possa vir, quando o correto seria que nós simplesmente deixássemos o Mestre Jesus realizar Sua obra em nós, porque compete ao beneplácito divino definir tempos e estações.

Não são as nossas vitórias espirituais que nos salvam, nem os nossos fracassos espirituais que nos desqualificam. Todos nós nos perdemos há cerca de seis mil anos, no Éden, mas fomos salvos há dois mil anos, no Calvário. A questão hoje não deveria ser “posso ser salvo?”, mas “quero ser salvo, aceitando a vitória que Cristo já conquistou por mim”.

O valor da obra médico-missionária

IZÉAS DOS SANTOS CARDOSO

Secretário ministerial da União Norte-Brasileira.

Sermão proferido por ocasião de uma cerimônia de ordenação de médicos, em Belém, PA.

Era o ocaso, o anoitecer, do Antigo Testamento. O seu último escritor, o profeta Malaquias, cujo nome significa “Meu Mensageiro”, deve ter exercido seu trabalho por volta do ano 425 a.C., período em que profetizou sobre o advento de Cristo, Seu ministério e Sua obra. “Mas para vós outros que temeis o Meu nome nascerá o Sol da Justiça, trazendo salvação nas Suas asas;...” (Mal. 4:2).

A palavra traduzida por “salvação”, aqui nesse verso bíblico, vem do vocábulo hebraico *rapa*, que quer dizer “cura”, “restauração à prosperidade”, “restauração em sentido espiritual”, “fazer integral”, “restauração à totalidade do ser”, “salvação”.

Quatro séculos e meio depois da profecia de Malaquias, o Senhor Jesus Cristo iniciou o Seu ministério terrestre.

A ênfase do ministério de Cristo

O ministério exercido por Jesus Cristo abordava todas as áreas nas quais a Sua Igreja atua hoje. “E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades.” (Mat. 9:35). Notemos os termos “ensinando”, “pregando” e “curando”. Justamente por isso, o Senhor Jesus podia dizer “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.” (João 10:10).

E Ellen White assegura: “Durante Seu ministério Jesus dedicou mais tempo a curar os enfermos do que a pregar. ... Ao passar por vilas e cidades, era como uma corrente vivificadora, difundindo vida e alegria.” – *Ciência do Bom Viver*, págs. 19 e 20.

A ênfase de Cristo no ministério da cura,

da restauração, na obra médico-missionária, era tão grande que ao enviar os doze apóstolos deu-lhes as seguintes orientações: “E, à medida que seguides, pregai que está próximo o reino dos Céus. Curai enfermos, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expeli demônios; de graça recebestes, de graça dai.” (Mat. 10:7 e 8). Após a Sua ressurreição, ao dar as últimas instruções aos discípulos, enfatizou: “Se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados.” (Marcos 16:18).

A importância de qualquer assunto reside no valor que Cristo dá a esse assunto. E saúde era fator importante na vida e ministério do Senhor Jesus. Não é possível haver religião se não valorizamos aquilo que Cristo valoriza. E o Salvador valorizou intensamente a saúde, a cura, a restauração física e espiritual. Valorizou a obra médico-missionária evangelística.

“As palavras do Senhor: ‘Vinde a Mim ... e Eu vos aliviarei, são uma receita para as curas dos males físicos, mentais e espirituais.’ – *A Ciência do Bom Viver*, pág. 115.

Cristo Jesus foi o grande médico evangelista. Aliás, segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, médico é “aquele que está habilitado a evitar, curar ou atenuar as doenças. Aquilo que pode restabelecer a saúde física ou moral”.

O médico na Bíblia

A palavra “médico” aparece 13 vezes na Bíblia, sendo seis vezes no Velho Testamento, e sete vezes no Novo Testamento. Das sete vezes em que ela aparece no Novo Testamento, seis estão nos três primeiros Evangelhos, sendo uma vez em Ma-

teus, duas em Marcos e três em Lucas. Todas as referências estão relacionadas com o ministério e Obra de Cristo.

A sétima vez em que a palavra “médico” aparece no Novo Testamento, que também é a última, é para identificar um médico pelo seu nome: “Saúda-vos Lucas, o médico amado.” (Col. 4:14).

Lucas, provavelmente, é abreviatura de Lucanus (natural da Lucânia, província meridional da Itália), e significa “Terra de Luz, luz, luminoso, luzente, iluminado”. Excelentes características para um médico cristão. O Dr. Lucas é mencionado pelo nome três vezes, todas elas citadas pelo apóstolo Paulo. A primeira vez está no mencionado texto da Carta aos Colossenses. A companhia de Lucas para o apóstolo Paulo era sempre um motivo de consolo e fortaleza; pois como médico-missionário uniu-se ao ministério pastoral, formando um só ministério em Cristo. Provavelmente, Lucas assistia também a Paulo, devido à saúde precária desse apóstolo.

A segunda vez em que o nome Lucas é encontrado está em Filemom 24, onde é incluído entre os cooperado-

res do apóstolo. Paulo chama de cooperadores todos os que trabalhavam juntamente com ele pela mesma causa evangélica. E ali está o médico-missionário Lucas, cooperando na tarefa de pregar o evangelho. O Dr. Lucas tinha convicção do seu chamado, de sua vocação e missão. A prova disso está em Atos 16:10: “... imediatamente procuramos partir para aquele destino, concluindo que Deus nos havia chamado para lhes anunciar o evangelho.” Ele também foi cooperador do apóstolo Paulo, ao escrever o Evangelho que leva o seu nome, e no qual apresenta a Cristo como um Salvador universal, um grande e compassivo médico, que viera aliviar os sofrimentos humanos e salvar o que se havia perdido. O médico amado escreveu também o livro de Atos, única narrativa disponível da história eclesiástica dos tempos apostólicos. Por tudo isso, Paulo o tinha como um cooperador valioso.

Uma terceira vez o nome Lucas aparece na Bíblia, quando Paulo afirma: “Só Lucas está comigo.” (II Tim. 4:11).

“Os poucos amigos que haviam compartilhado dos trabalhos do apóstolo Paulo começavam agora a abandoná-lo; alguns por deserção, outros em missão a várias igrejas. Fígelo e Hermógenes foram os primeiros a sair. Então Demas, descoroçoado pelas densas nuvens de dificuldades e perigos, abandonou o perseguido apóstolo. Crescente foi enviado por Paulo às igrejas da Galácia; Tito à Dalmácia, Tíquico a Efeso.

“Escrevendo a Timóteo sobre esta experiência final do seu ministério, Paulo disse: ‘Só Lucas está comigo’ ... Os serviços de Lucas, discípulo amado e fiel amigo, foram um grande conforto para Paulo, permitindo-lhe comunicar-se com seus irmãos e o

— mundo exterior.” — *Atos dos Apóstolos*, pág. 490.

O possível constrangimento que representava o encarceramento de Paulo não acovardou ou intimidou o Dr. Lucas. Sua profissão, como médico, poderia ter-lhe proporcionado prestígio e riqueza, porém Lucas estimou

como uma honra superior o acompanhar a Paulo na sua hora de sofrimento, até que a guilhotina do malfazejo e cruel imperador Nero silenciou a voz do apóstolo dos gentios, Paulo de Tarso.

Vimos um médico-missionário Jesus Cristo, em ação, valorizando a saúde e a obra médico-missionária. Também vimos o Dr. Lucas, o médico-missionário amado e cooperador na Igreja nascente, convicto do seu chamado e de sua vocação. Mas, onde está situada a obra médico-missionária na Igreja Remanescente?

Obra médico-missionária hoje

“V outro anjo voando pelo meio do Céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a Terra, e a cada nação, e tribo, e língua e povo.” (Apoc. 14:6).

O evangelho eterno é o evangelho de

Jesus. Inclui a Obra de Cristo que era a de ensinar, pregar e curar. Afirma Ellen White: "Na providência do Senhor posso ver que a obra médico-missionária deve ser uma grande cunha de penetração por meio da qual a alma enferma pode ser alcançada." – *Conselhos Sobre Saúde*, pág. 535. E mais: "Devem os médicos lembrar-se de que muitas vezes serão convocados para realizar os deveres de um pastor. Os médicos missionários vêm sob o título de evangelistas." *Medicina e Salvação*, pág. 249.

"A obra médico-missionária deve estar ligada com o ministério evangélico ... Nenhuma linha deve ser traçada entre o genuíno trabalho médico-missionário e o ministério evangélico. Os dois devem ser misturados. Não devem permanecer à parte, cada um deles como um setor separado da Obra. Devem estar associados em inseparável união, assim como a mão está ligada ao corpo." – *Idem*, págs. 240 e 250.

E, finalmente, vem o texto que nos impulsionou para esta cerimônia de ordenação, escrito em 1908: "A obra do verdadeiro médico-missionário é em grande parte uma obra espiritual. Inclui oração e o impor das mãos; portanto ele deve ser separado para sua obra de maneira tão sagrada como o ministro do evangelho. Os que são escolhidos para desempenhar a parte de médicos-missionários devem ser separados como tais." – *Evangelismo*, pág. 546.

Qualidade indispensável

O que é necessário para ser um verdadeiro médico missionário? O mesmo Senhor Jesus Cristo responde: "Sem Mim, nada podeis fazer." (João 15:5). "O maior médico é aquele que anda nas pegadas de Jesus Cristo", diz Ellen White, em *Conselhos Sobre Saúde*, pág. 544.

Andar nas pegadas de Jesus é dizer como Ele: "Eu não vim fazer a Minha própria vontade, mas a vontade dAquele que Me enviou." (João 6:38).

Andar nas pegadas de Jesus é estar disposto a ir às mais longínquas "cidades e vilas pregando o evangelho do reino, ensinando ... e curando toda sorte de doenças e enfermidades".

Andar nas pegadas de Jesus é assegurar como o próprio Cristo: "Eu não vim para ser

servido, mas para servir e dar a Minha vida em resgate por muitos." (Marcos 10:45).

Andar nas pegadas de Jesus é ter "o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois Ele, subsistindo em forma de Deus não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes a Si mesmo Se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-Se em semelhança de homens... a Si mesmo Se humilhou tornando-Se obediente até à morte, e morte de cruz." (Fil. 2:5 a 8).

Andar nas pegadas de Jesus é ter a segurança e a convicção do Senhor Jesus, ao dizer: "O Espírito do Senhor é sobre Mim, pois que Me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-Me a curar os quebrantados do coração, a apregoar liberdade aos cativos, e dar vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos; e anunciar o ano aceitável do Senhor." (Lucas 4:18 e 19).

Solene desafio

Cristo Jesus foi o exemplo maior na Obra médico-missionária-evangelística: pregando, ensinando e curando nas cidades e povoados.

Lucas, o médico amado, o luzente, o iluminado, uniu-se ao apóstolo Paulo como um grande cooperador no pioneirismo missionário e esteve ao lado de Paulo até o martírio deste.

Na Igreja Remanescente, obra médico-missionária e ministério evangélico devem e precisam estar unidos, sob a direção divina, no trabalho de preparar o caminho para a vinda de Cristo. Para isso, pastores e médicos-missionários devem ser verdadeiramente cristãos, seguindo as pegadas de Jesus Cristo e recebendo sobre si o Espírito do Senhor para evangelizar, curar e anunciar o ano aceitável do Senhor.

"Mas para vós outros que temeis o Meu nome nascerá o Sol da Justiça, trazendo salvação nas Suas asas."

Deus abençoe os médicos ordenandos, para que nas pegadas de Jesus e no poder do Espírito Santo possam verdadeiramente ser obreiros de Deus, servos de Deus, médicos missionários de Cristo, embaixadores do reino eterno, ordenados e separados do Senhor, e pelo Senhor, a fim de cooperarem decisivamente para a conclusão da Obra de Deus na Terra, abreviando o desejado e apoteótico encontro com Cristo, a Esperança da Glória, o Sol da Justiça, a resplandecente Estrela da Manhã.

Sermão: como aplicar sem complicar

ROBSON MOURA MARINHO

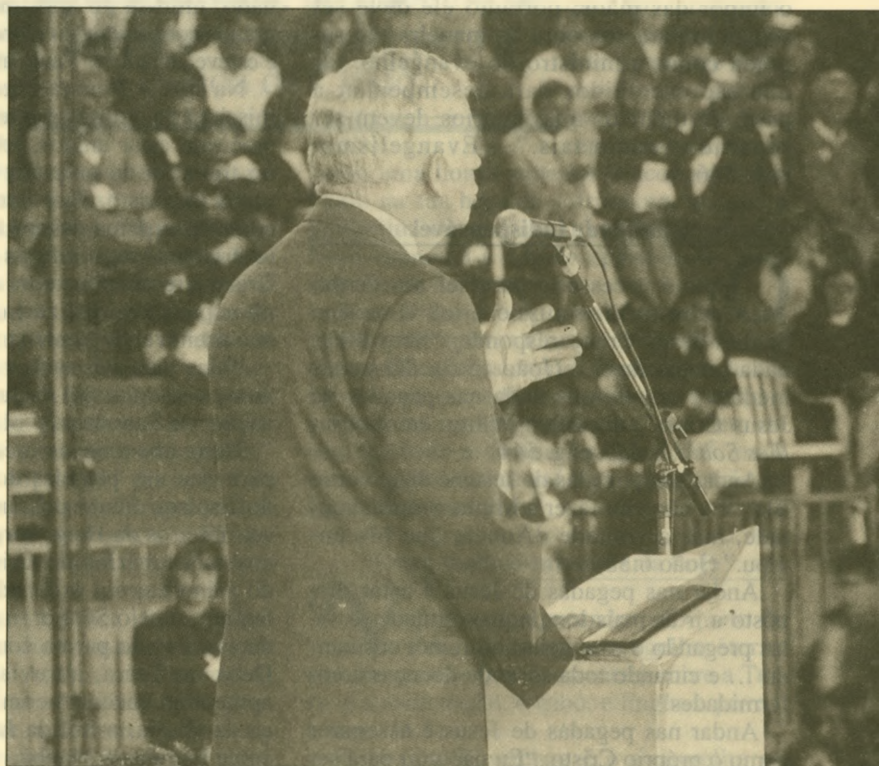
*Professor de Homilética e Teologia Pastoral
no Salt-IAE*

Carlos Spurgeon, o príncipe dos pregadores ingleses, disse certa ocasião: “Se alguns pregadores fossem condenados a ouvir seus próprios sermões, diriam como Caim: ‘Meu castigo é maior do que posso suportar.’”¹ De fato, de vez em quando o púlpito é maltratado por alguns pregadores, e uma das formas pelas quais isso acontece é a prática de se fazer aplicações que não ajudam o pecador.

A aplicação é o meio de cumprir o objetivo do sermão: torná-lo relevante para o pecador. Contudo, se não for bem aplicado, o sermão pode acabar ficando complicado. Uma das maneiras de aplicar mal o sermão, por exemplo, é pregar de tal modo que o pecador sinta que está condenado. Ellen White adverte contra essa tendência: “Alguns obreiros na causa de Deus têm sido demasiado pron-

tos a atirar acusações contra o pecador ... Tome o ensinador da verdade conhecido do pecador o que Deus em verdade é – um Pai que espera em compassivo amor, receber o pródigo, não lhe lançando acusações iradas, mas preparando um banquete para festejar-lhe a volta.”²

O sermão tem duas dimensões: a divina e



a humana. A dimensão divina é a mensagem em si mesma, a dimensão humana é a aplicação da mensagem. Na prática, as duas dimensões se fundem numa só, ou seja, num processo pelo qual a mensagem penetra no ouvinte e o leva à ação.

As pessoas sempre estão interessadas em si mesmas, e se o sermão for voltado para elas e suas necessidades, elas ouvirão com certeza. Aí está o poder da aplicação: lidar com a necessidade imediata das pessoas, ou seja, aproveitar o interesse que elas têm em si para levá-las a agir por si e pelos outros.

Mas não é fácil fazer boas aplicações. O excesso de aplicação pode tornar o sermão óbvio. Nenhuma aplicação, por um lado, pode deixar o sermão distante das pessoas. Dependendo do auditório, a aplicação pode ser até subentendida, e o pregador precisa ter sensibilidade para adaptar a aplicação à receptividade do auditório.

Características da boa aplicação

Quando a aplicação não é bem feita, o pregador corre o risco de dar ao sermão um rumo irrelevante, ou falar coisas que não atingem a necessidade das pessoas,



respondendo o que não foi perguntado, ensinando o óbvio, ou evangelizando os evangelizados. Portanto, vamos fazer algumas reflexões sobre as características que ajudam a aplicação a ser eficiente.

1. Linguagem atual – A primeira qualidade de uma boa aplicação é uma linguagem atual. O texto bíblico encerra uma mensagem poderosa em linguagem antiga, que deve ser traduzida em linguagem atual especialmente na aplicação. Ao aplicar, por exemplo, o texto em que Jesus diz “Vinde a Mim todos os que estais cansados e sobrecarregados”, o pregador pode transmitir essa idéia com palavras tais como: “Jesus está convidando você a levar a Ele o seu estresse, a sua depressão, o senso de culpa e a ansiedade.” Não só o vocabulário deve ser atual, mas a idéia também, ou seja, o vocabulário deve se referir a coisas com as quais as pessoas estejam convivendo no dia-a-dia.

2. Realismo e praticidade – A aplicação deve ser realista e não idealista. Prática e não teórica. Alguns sermões fazem propostas que exigem o impossível do ouvinte, causando frustração em vez de motivação. Ao fazer um sermão missionário, por exemplo, o pregador não deveria dizer: “Você precisa dedicar três dias por semana à pregação do evangelho!” Uma vez que os ouvintes têm seus compromissos profissionais, essa proposta se torna irreal, teórica e frustrante. Pior ainda, sem nenhum fundamento bíblico.

3. Coerência – A aplicação correta depende da interpretação correta, e precisa ser coerente com o texto bíblico. O pregador precisa ter o cuidado de aplicar exatamente a idéia apresentada pelo texto, e não criar aplicações paralelas totalmente incoerentes com o pensamento do texto.

Certa ocasião, ouvi um sermão em que o pregador descrevia o episódio de Maria Madalena unguindo os pés de Jesus e os enxugando com os cabelos. Dando lugar ao seu próprio preconceito, aquele pregador fez uma aplicação absurda e incoerente, dizendo: “Se Jesus estivesse aqui hoje, poucas mulheres teriam o privilégio de enxugar-Lhe os pés, porque a maioria está de cabelos curtos!” Esse tipo de aplicação é uma violência praticada contra o pensamento do texto, que, nesse caso, foi forçado para defender um preconceito pessoal.

4. Objetividade – A aplicação não deve

ser vaga e indefinida, mas objetiva e específica. Em vez de falar sobre o perdão dos pecados em geral, especifique alguns pecados. Isso alcança diretamente a necessidade de alguns ouvintes. Ao pregar sobre o amor cristão, em vez de fazer uma aplicação óbvia, do tipo: "Devemos desenvolver o amor cristão", seja específico e diga: "O amor nos leva a tolerar e suportar uns aos outros."

Num acampamento de jovens ao qual estive presente, o pregador falou sobre "auto-estima em Cristo". Ao longo de sua mensagem, ele desenvolveu a idéia de que uma palavra de elogio e apreciação faz bem e desenvolve a auto-estima. Na aplicação final, ele distribuiu etiquetas adesivas e pediu que cada jovem escrevesse ali algo de bom que apreciava em algum amigo presente. Foi uma aplicação específica e fortíssima. Depois, num apelo bem jovial, ele pediu que os jovens se levantassem e colassem as etiquetas na camisa do amigo a quem o elogio se referia. Com descontração e muita alegria os jovens trocavam elogios mútuos. Lembro-me até de um "elogio" bem humorado que recebi. Um jovem brincalhão colocou em minha camisa a seguinte frase: "Pastor, aprecio muito a sua filha!"

5. Baseada em princípios – A aplicação não é uma oportunidade para nos tornarmos moralistas e darmos lições de moral na congregação. Também não deve se prender a uma mera avaliação de usos e costumes. O sermão pode e deve dar orientação sobre bons costumes, mas não deve degenerar em ataques, especialmente quando isso se baseia em pontos de vista pessoais.

Em vez de falar de moda, por exemplo, e atacar o mau uso da moda, é preferível fazer uma aplicação sobre o princípio da modéstia cristã, enfocando comportamentos e atitudes que enobrecem o cristão. Em vez de destruir o que é negativo, a aplicação deve construir o que é positivo.

6. Imaginação – A imaginação é útil em todas as partes do sermão, inclusive na aplicação. O pregador pode tomar as cenas bíblicas e dar vigor ao compará-las com necessidades atuais. Num sermão sobre José do Egito, poderia fazer uma aplicação sobre o perdão, nos seguintes termos: "Você já perdoou tanto quanto José perdoou os irmãos dele?" No momento em que o pregador imagina a cena bíblica no contexto de uma situação atual, ele consegue dar força e direção à aplicação.

Passos para uma boa aplicação

Alguns autores sugerem uma lista grande de etapas ou passos no preparo da aplicação. Para descomplicar um pouco, vamos resumir esse preparo em três passos básicos:

1. Classificação do texto de forma sintética – Ao refletir sobre o texto, tente sintetizá-lo em uma única palavra, ou no máximo em uma frase, como que classificando-o de acordo com o propósito a que ele pode servir. O texto das bem-aventuranças poderia ser classificado como um texto motivador, por exemplo. A maior parte do sermão da montanha poderia ser classificada como um texto ético. Os Dez Mandamentos também seriam um texto ético. O primeiro capítulo de João sobre o Verbo eterno poderia ser classificado como um texto doutrinário ou teológico. O salmo 23, sobre o Pastor divino, poderia ser chamado de texto confortador. A comissão evangélica, em Mateus 28:19 e 20, poderia ser chamada de texto missionário, e assim por diante.

2. Identificação das necessidades da congregação – Tendo o propósito do texto, falta somente definir que necessidades esse texto poderá satisfazer. A melhor maneira de identificar essas necessidades, é fazer uma reflexão pensando em diferentes pessoas da congregação, de diferentes níveis sociais, tentando lembrar os problemas que elas enfrentam. Essa reflexão levará o pregador a diferentes tipos de necessidades.

Nas necessidades pessoais, por exemplo, o pregador encontrará problemas como solidão, tristeza ou sofrimento por alguma tragédia, ansiedade ou fraqueza espiritual. As necessidades coletivas poderão revelar problemas financeiros, falta de fé ou desânimo. As necessidades sociais se evidenciam em decorrência de desentendimentos, conflitos entre pessoas ou grupos, maledicência e falta de companheirismo ou de intercâmbio social e assim por diante.

3. Mistura do texto com as necessidades – Tendo o propósito do texto e a necessidade da congregação, o pregador deve tentar juntas as duas coisas, ou seja, procurar ver o que o texto pode dizer para atender aquela necessidade específica, levando em consideração a linguagem e as demais características da boa aplicação. Com oração e reflexão, ele pode planejar as reações que deseja produzir no ouvinte, e buscar os pensamentos e palavras adequados para produzir o efeito desejado.

Tipos de aplicação

O tipo de aplicação a ser usado vai depender da sensibilidade e habilidade de cada pregador. Basicamente, existem dois tipos de aplicação: a aplicação direta, e a aplicação sugestiva ou indireta. Vejamos como Daniel Baumann menciona esses dois tipos de aplicação:³

A aplicação direta é aquela que solicita uma resposta do ouvinte, através de uma proposta espiritual definida feita pelo pregador. Jesus usou com frequência esse tipo de aplicação, demandando uma atitude definida de seus ouvintes. Ele dizia: “Segue-Me”, ou “levanta-te e anda”, ou ainda “ide”. A aplicação direta pode ter diferentes formas. Notemos algumas delas:

Elucidação – Esse tipo de aplicação é uma exortação explícita, que não deixa o ouvinte com dúvida ou ambigüidade quanto à resposta que se espera da parte dele. João Batista usava esse tipo de aplicação. Após seus

sermões, as multidões perguntavam: “Que havemos de fazer?”, ao que ele respondia: “Quem tiver duas tunicas reparta com quem não tem; e quem tiver comida faça o mesmo ... não cobreis mais do que o estipulado ... a ninguém maltrateis, não deis denúncia falsa, e contentai-vos com o vosso soldo”(Luc. 3:10 a 14).

O sermão de Pedro, no Pentecostes, também terminou com uma aplicação elucidativa: “Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo.” (Atos 2:38). Esse é o melhor tipo de aplicação para sermões evangelísticos, a fim de desafiar os ouvintes a seguir uma nova doutrina.

Interrogação – Uma pergunta proposta pelo pregador aos ouvintes se torna uma forma direta de aplicação. O pregador pode perguntar, por exemplo: “Qual é a sua resposta? O que você vai fazer a partir de agora?” Em certo sentido, a per-

gunta é indireta porque permite ao ouvinte escolher, e não diz especificamente o que ele deve fazer ou decidir. Mas é uma aplicação direta, primeiro porque a resposta está implícita, e segundo, porque o ouvinte é desafiado a tomar uma decisão e responder.

Jesus gostava de fazer a aplicação de Seus ensinamentos, usando uma interrogação. Ao concluir a parábola do bom samaritano, Ele perguntou: “Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores? ... Vai e procede tu de igual modo” (Luc. 10:36 e 37).

O pregador deve ser sensível e cauteloso para fazer aplicações sábias que não invadam a privacidade das pessoas, e para não ostentar um ar de superioridade ou se colocar na posição de juiz do comportamento dos outros.

Hipérbole – Essa aplicação é uma espécie de exagero, com o propósito de sacudir o ouvinte e despertá-lo da letargia para uma resposta ou atividade especial. Jesus usou com frequência esse tipo de aplicação. No sermão do monte, por exemplo, Ele afirmou: “Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o a lança-o de ti ... Se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e

lança-a de ti...” (Mat. 5:29 e 30). Jesus estava enunciando a natureza absoluta do discipulado. Em nenhum momento Ele quis que essa afirmação fosse aplicada literalmente. Da mesma forma, quando Ele disse: “Vai, vende tudo que tens, e dá-o aos pobres...” (Marcos 10:21).

O pregador pode usar esse tipo de exagero retórico, por exemplo, ao dizer: “Você não quer ajudar a tocar fogo nessa igreja?” ou “Vamos bombardear essa cidade com o evangelho...” Essas aplicações têm como objetivo arrancar as pessoas da inatividade para a atividade, e não levá-las a uma obediência literal.

Se a aplicação direta específica o que deve ser feito, em contraste, a aplicação indireta sugere uma direção a ser seguida, mas deixa ao ouvinte a responsabilidade de escolher a decisão específica a ser tomada.

A essa altura, convém fazer uma reflexão profunda sobre a aplicação. O pregador precisa ter muita sensibilidade para

escolher a melhor aplicação de acordo com o assunto e o tipo de ouvinte. Alguns autores defendem a idéia de que o Espírito Santo é quem deve completar o efeito do sermão, levando o ouvinte a fazer a própria aplicação, detalhando-a na sua vida pessoal. Frankl Dance, por exemplo, sustenta que a coisa mais persuasiva no mundo é a participação. Ou seja, se nós queremos mudar o comportamento, devemos envolver o ouvinte e levá-lo a participar na decisão de mudar o próprio comportamento, em vez de dizer o que e como ele deve fazer isso. Dessa forma, as pessoas são envolvidas no processo de persuadir a si mesmas.

Outro autor, Carl Roger, afirma que comportamentos autodescobertos e automatizados são, a longo prazo, os únicos capazes de produzir mudanças significativas. Marvin Ziegler coordenou um interessante estudo que buscava responder à pergunta: "Por que alguns sermões não fazem efeito?" Vejamos algumas conclusões:

"Um dos resultados do estudo de Ziegler foi que os sermões que contêm aplicações para a vida diária dos ouvintes eram os sermões que foram unanimemente rejeitados pela congregação. A frequência e a intensidade da rejeição eram diretamente proporcionais à quantidade de aplicações diárias contidas no sermão. A conclusão sugere que as pessoas se tornam mais e mais relutantes em aceitar uma espécie de aplicação religiosa, moralista ou outra qualquer para sua vida pessoal. Parece que o fato de o pregador prescrever uma aplicação implica que ele está se colocando na posição de dizer e determinar o que os outros devem fazer com a própria vida."⁴

Acredito que esse estudo não desfaz o valor da aplicação direta, até porque Jesus a usou e os apóstolos a usaram abundantemente na Bíblia, conforme já foi visto. Contudo, ele traz uma significativa contribuição: o pregador deve ser sensível e cauteloso para fazer aplicações sábias que não invadam a privacidade das pessoas, e para não ostentar um ar de superioridade ou se colocar na posição de juiz do comportamento dos outros. Especialmente os ouvintes mais esclarecidos tendem a ser um pouco mais reservados e mais pensantes em relação ao próprio comportamento. Embora tenham as mesmas necessidades de todos os pecadores, eles poderão ser melhor

ajudados se descobirmos uma forma de envolvê-los no processo de tomar as próprias decisões.

Para completar essa reflexão, vale a pena ponderar o comentário de Gary Cronkhite, estudioso do comportamento na comunicação: "A maior mudança de atitude pode ser obtida ao dar ao ouvinte apenas o suficiente para justificar a necessidade da mudança, e reduzir a área de resistência a essa necessidade."⁵ Com isso em mente, vejamos alguns tipos de aplicação indireta.

Ilustração – Um exemplo concreto tirado da vida contemporânea faz uma ponte entre o mundo bíblico e o atual, induzindo o ouvinte a fazer uma série de aplicações sem que precisem ser expressas diretamente. Uma ilustração bem apresentada dispensa explicação. Se precisar de explicação adicional, não é uma boa ilustração. Uma boa ilustração é uma aplicação em si, sem precisar de detalhar pormenores.

Para isso, é importante que a ilustração seja crível, e não incrível ou fictícia. Deve ser de natureza prática, em vez de ser apenas teórica.

Múltipla escolha – Essa aplicação é poderosa porque envolve o ouvinte no processo de participar da decisão. Ou seja, o pregador enumera as opções possíveis e encoraja o ouvinte a fazer a própria escolha. Elias usou esse método no Monte Carmelo: "Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-O; se é Baal, segui-o" (I Reis 18:21). Josué faz a mesma coisa ao enumerar três opções possíveis: "Escolhei hoje a quem sirvais: se aos deuses a quem serviram vossos pais ... ou aos deuses dos amorreus, em cuja terra habitais. Eu e a minha casa serviremos ao Senhor." (Josué 24:15).

Agora observe a eloquência de Jesus ao usar a aplicação de múltipla escolha: "É lícito nos sábados fazer o bem ou fazer o mal? salvar a vida ou tirá-la?" (Marcos 3:4). A aplicação que Jesus fez silenciou literalmente a acusação contra a cura feita no sábado, pois diz o texto que "eles ficaram em silêncio".

Narração – O sermão narrativo ou biográfico, ao descrever os fatos da narração, já subentende uma aplicação automática, sugerindo ao ouvinte que ele precisa aprender com os elementos da narração. Com isso, não precisa cansar o ouvinte com aplicações redundantes ou repetições do que foi dito na narração. Um sermão

sobre Zaqueu, por exemplo, já traz embutida a aplicação, ao ele dizer que iria restituir tudo aquilo em que foi desonesto. O pregador pode, se quiser, destacar a aplicação introduzindo uma terminologia moderna na experiência de Zaqueu, dizendo, por exemplo, que ele calculou os juros da caderneta de poupança, ou que ele foi a uma imobiliária e avaliou o preço de suas propriedades, ou ainda que ele fez uma doação aos meninos carentes das ruas de Jericó. Expressões assim fortalecem a aplicação sem precisar repeti-las de forma moralista e cansativa.

Testemunho pessoal – Uma forma também poderosa de fazer aplicação indireta é o pregador dar um testemunho de sua própria decisão a respeito do assunto, e dizer o que aquele tema significa para ele. Isso faz efeito, porque as pessoas sentem que a mensagem é importante para a própria vida do pregador. Deve-se, porém, ter cuidado para não dar a impressão de estar esnobando santidade pessoal, o que seria antipático ao ouvinte. O testemunho pessoal deve descrever o pregador mais como quem recebeu uma bênção do que como alguém que realizou uma façanha.

O exemplo de Josué, citado acima, também ilustra esse tipo de aplicação. Ao dizer “Eu e a minha casa serviremos ao Senhor”, Josué estava dando um testemunho de como ele, como líder, encarava o compromisso com Deus. Note a força e a habilidade do testemunho pessoal de Paulo, ao dizer: “A mim, o menor de todos os santos, me foi dada essa graça de pregar ...” (Efés. 3:8). O testemunho de como você se sente em relação a uma mensagem é uma aplicação indireta daquela mensagem.

O momento da aplicação

As vezes o pregador fica em dúvida sobre em que ponto do sermão deve colocar sua aplicação. Se durante o desenrolar do mesmo ou somente no final. É difícil estabelecer uma regra fixa, até porque as regras em excesso prejudicam a criatividade. O pregador deve conhecer as regras da boa homilética, mas não deve se tornar escravo delas, podendo ter uma boa flexibilidade dentro do bom-senso.

Quanto à aplicação, também não há uma regra absoluta. Mais uma vez o pregador deve usar a sensibilidade. Dependendo da

mensagem, a aplicação pode ser feita ao longo de todo o sermão, após as divisões principais, ou mesmo em qualquer momento que o pregador julgue necessário. No sermão do monte, Jesus intercalou mensagem e aplicação ao longo de todo o discurso, como por exemplo, ao dizer: “Ouvistes que foi dito: Não adulterarás. Eu, porém, vos digo: Qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura no coração já adulterou com ela.” (Mat. 5:27 e 28).

Outras vezes o pregador pode deixar para fazer uma única aplicação na conclusão do sermão, a fim de causar expectativa e impacto, como Jesus fez na parábola do semeador, por exemplo.

Raramente se deve fazer a aplicação antes da explanação da mensagem,⁶ até para se ter o que aplicar. Contudo, mesmo aqui o Mestre dos pregadores mostra que pode haver exceções. Certa ocasião, Jesus usou a aplicação como palavras de efeito para introduzir um sermão. Entrou na sinagoga, levantou-se, tomou a Bíblia e leu o profeta Isaías. Em seguida, fechou a Bíblia, e suas primeiras palavras foram: “Hoje se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir.” (Luc. 4:21). É a sintonia com o Espírito Santo que indica ao pregador o momento da aplicação.

Uma sábia aplicação faz com que a mensagem atinja o coração dos ouvintes. A esse respeito, Ellen White faz um comentário que merece nossa reflexão: “A palavra do ministro, para ser eficaz, tem de atingir o coração dos ouvintes ... Cumpre-lhe esforçar-se por compreender a grande necessidade e anelo da alma. Ao achar-se perante sua congregação, lembre-se de que há entre os ouvintes pessoas em luta com a dúvida, quase em desespero, quase sem esperança; pessoas que, constantemente assediadas pela tentação, estão combatendo um duro combate contra o adversário das almas. Peça ele ao Salvador que lhe dê palavras que sirvam para fortalecer essas almas para o conflito contra o mal.”⁷

Referências:

1. C. H. Spurgeon, *Lições aos Meus Alunos*, pág. 32.
2. Ellen White, *Obreiros Evangélicos*, pág. 156.
3. J. Daniel Baumann, *An Introduction to Contemporary Preaching*, págs. 247 a 254.
4. *Idem*, págs. 249 e 250.
5. *Ibidem*.
6. James Braga, *Como Preparar Mensagens Bíblicas*, pág. 186.
7. Ellen White, *Op. Cit.*, pág. 152.

Ser filho de pastor é um privilégio

RUBEN BULLÓN

*Estudante do Seminário Adventista
Latino-americano de Teologia do IAE.*

Conta a Professora Eny Garcia Sarli que, durante o período em que lecionava, estabeleceu uma norma para suas classes. Segundo ela, ao responder a chamada, cada aluno deveria dizer se havia cumprido ou não a tarefa de casa. E tudo estava funcionando bem, até que, certo dia, um aluno respondeu: "Não fiz a tarefa, professora." Como um coral bem ensaiado, a classe inteira explodiu: "Até o filho do pastor?!" Com os olhos umedecidos e a voz entrecortada, o aluno ainda tentou um protesto: "Professora, a coisa mais triste do mundo é ser filho de pastor."

Durante toda a minha vida, tenho ouvido dizer que ser filho de pastor é uma cruz. Mas, a bem da verdade, ninguém pode negar que ser filho de pastor seja um privilégio. A educação cristã recebida, o contato com pessoas que estão diretamente ligadas a Deus, envolvidas em Sua causa, a quantidade de literatura de cunho espiritual à qual se pode ter acesso, e tantas outras coisas são motivos de gratidão a Deus. Entretanto, se existem todas essas vantagens, por que se ouve falar que ser filho de pastor é uma cruz? E, se todo privilégio é uma bênção, por que existem muitos filhos de pastores deixando a Igreja? Quem é o responsável por tal situação?

Dialogando com alguns colegas filhos de pastores, como eu, chegamos à conclusão de que todos os obstáculos que um filho de pastor enfrenta, poderiam ser resumidos e analisados sob três aspectos.

1. O conceito que têm alguns membros da igreja

Qual será a razão pela qual alguns membros da igreja alimentam a idéia de que o filho de pastor é uma máquina de acertar, que não pode errar? Muitas vezes em minha vida, sofri bastante ao ouvir comentários do tipo "você, o filho do pastor, fez isto?" ou "tinha que ser o filho do pastor!"

Um colega disse-me que, certa ocasião, ao assumir uma nova igreja, seu pai levou toda a família à frente e fez o seguinte comentário: "Irmãos, estes são meus filhos e eles são iguais aos seus filhos. Eles têm os mesmos problemas, as mesmas dificuldades e as mesmas tentações. Falo isso, para pedir que os ajudem como se estivessem ajudando aos seus próprios filhos."

Após isso, meu amigo garantiu que a passagem por aquela congregação foi simplesmente maravilhosa.

2. Conceito errôneo de progresso

Outro colega falou-me que seu pai, que na ocasião ocupava a função de departamental, foi chamado, um dia, à sala do presidente do Campo no qual trabalhava. Comunicado da existência de um chamado para ser um pastor distrital, prontamente respondeu que aceitava o convite. A razão apresentada era que ele sentia necessidade de dedicar mais tempo à família.

O presidente ouviu atentamente suas ponderações, e argumentou: "Pastor, pen-

se melhor. O senhor tem um grande futuro, é um bom departamental, e sabe que será difícil ter outra chance de voltar a ocupar esse posto.”

Implícito nesse argumento está o conceito enganoso de progresso e crescimento profissional que foi estabelecido na Igreja. Aquele administrador, no fundo, estava querendo dizer que o pastor deveria manter-se na função de departamental, sonhando com uma União e assim por diante. Não deveria estar pensando em “voltar” para um distrito.

Lamentavelmente, porém, a corrida pelo “sucesso” pode sacrificar a família.

3. A atitude do pastor

Pode parecer incrível que o próprio pastor se torne a pedra de tropeço no caminho espiritual do filho, mas isso acontece muitas vezes. Ellen White é muito clara ao dizer que o primeiro dever do pastor é para com os seus filhos.

Certo pastor foi indicado para fazer um curso de mestrado e, para isso, deveria sacrificar as férias com a família. Reuniu, então, a esposa e os filhos para dizer-lhes que enquanto ele estivesse cumprindo aquele programa de estudos, todos iriam visitar alguns familiares. Mais tarde, um dos filhos, que era apenas um adolescente, declarou ter pensado consigo mesmo, naquela ocasião: “Eu não vou precisar de um pai quando estiver adulto, casado e formado. Preciso dele agora.”

Meu querido pastor, qual é o lugar que seus filhos ocupam em seu ministério? Você os vê como pessoas a serem conduzidas para o reino de Deus, ou apenas como filhos que têm o dever de proteger a sua imagem? Você emprega tempo com eles? Preocupa-se em descobrir por que existe um brilho de tristeza ou de alegria em seus olhos? Ou acha, simplesmente, que pelo fato de irem à igreja todos os sábados já estão salvos? Quando foi a última vez que teve uma conversa pastoral com seu filho? Não apenas uma conversa com are de repreensão porque ele fez algo errado e é seu dever corrigir. Lembre-se, o pastor não visita os membros somente quando eles cometem uma indisciplina. Você não acha que seus filhos merecem tratamento igual ao dispensado aos membros da igreja?

Eu sei que existem pressões externas sobre o filho do pastor, mas isso não é um grande problema. O problema maior é quando essas pressões nascem dentro de casa. Jamais cobre de seus filhos um comportamento correto, com a argumentação de que eles são filhos de pastor e por isso devem dar exemplo. Ensine seu filho a ser um filho de Deus e verá que aos poucos os problemas serão resolvidos.

Um exemplo bíblico

Talvez alguém pense que em tudo isso existe um pouco de exagero, mas a Bíblia mostra um exemplo bem claro de alguém que, apesar de ser o pastor, o líder espiritual de uma nação, perdeu os seus filhos. É o relato de Eli, que encontramos no capítulo dois do primeiro livro de Samuel. O que levou os filhos de Eli à perdição? O versículo doze informa que eles “não se importavam com o Senhor”.

Comentando o fato no livro *Patriarcas e Profetas*, Ellen White diz que apesar de estarem, desde a infância, acostumados ao Santuário e a seus serviços, não se tornaram reverentes por causa disso, ao contrário, perderam toda a intuição da santidade do mesmo.

O que me levou a escrever este artigo foi o fato de ver alguns amigos, filhos de pastores, tristes, longe de Jesus e revoltados contra a Igreja. A eles, quero dizer que, apesar de tudo, ser filho de pastor é um privilégio. É gratificante ver coerência no pai e saber que o seu sermão sai realmente do coração. É maravilhoso ver no pai a imagem de um Jesus perdoador. Sabemos que ele não passa de um ser humano com suas lutas e seus sonhos, a maioria deles alimentada em relação à Causa de Deus; e nós, os filhos, só queremos ser parte desses sonhos, não apenas em palavras mas em atos que provem que realmente somos importantes.

Cada filho de pastor necessita sentir que isso é realmente um privilégio. Eu sou filho de pastor, sofri e ainda sofro críticas e pressões, muitas vezes senti falta da figura paterna perto de mim, mas posso dizer de todo o coração que, para mim, o privilégio é indescritível. Tanto é assim que quando chegou o momento de fazer a opção vocacional, decidi preparar-me para ser também um pastor.

BIBLIOTECA DO PASTOR

Vale por um curso de teologia

Quando o livro foi encomendado, não passava de mais um lançamento de uma editora adventista dos Estados Unidos. Quando chegou, fiquei muito bem impressionado pela capa, ordenamento dos capítulos, riqueza de gráficos e esquemas. Também me chamou a atenção a variedade de temas abrangidos e a abordagem direta, sintética e clara.

Refiro-me ao *Handbook for Bible Study*, escrito pelo Pastor Lee Gugliotto, do Colégio Adventista da União Canadense, e publicado pela *Review and Herald*, 464 páginas.

Ao começar a ler o livro, meu entusiasmo cresceu mais ainda e corri mostrar para o editor de *Ministério*: "Este livro vale por um curso de teologia." Já no prefácio, Gugliotto parte de textos de Ellen White incentivando o estudo continuado e aprofundado da Bíblia, para introduzir o seu método exegético, que se desdobra numa sucessão de seis análises: contextual, estrutural, verbal, cultural teológica e homilética.

Seguindo esses passos, sob a direção do Espírito Santo, o pregador terá, sem dúvida, uma compreensão fiel do texto bíblico analisado, além da habilidade para fazer uma aplicação prática, seja para o crescimento pessoal ou pregação.

Depois dessa primeira parte, o autor adiciona capítulos complementares sobre verbos em grego e hebraico, fontes ex-

tra-bíblicas, tipologia, lógica e importantes dados sobre cada um dos quatro evangelhos. Não bastasse a grande quantidade de gráficos e diagramas que recheiam o livro todo, Gugliotto ainda acrescenta dois apêndices extremamente práticos: o primeiro, aplicando o seu método na análise do livro de Judas e o outro apresentando uma coleção de formulários em branco, utilizáveis nos diferentes passos da análise exegética.

Quase no momento de redigir esta nota, veio a notícia de que o livro em questão recebeu a Medalhão de Ouro, o Oscar da Associação da Imprensa Evangélica dos Estados Unidos, por ter sido considerado o melhor livro sobre estudo da Bíblia, entre 440 lançamentos. A entrega do prêmio aconteceu no dia 13 de julho deste ano, na Califórnia. Foi a primeira vez que um autor e um livro de editora adventista receberam esse destaque.

Gugliotto levou doze anos para preparar esse sintético e valioso Manual, que é recomendado por professores da Andrews University, como La Rondelle, Strand, além do Dr. Shea e do Pastor Folkenberg. Agora dá para entender o entusiasmo incontido deste escriba?

Márcio Dias Guarda,
editor da *Lição da Escola Sabatina* (Adultos).

